

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE GRADUAÇÃO BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

TATIANA KLUG PINZ BARTZ

**AS LIMITAÇÕES DOS PRODUTORES DE TABACO PARA ENCONTRAR
ALTERNATIVAS FINANCEIRAMENTE VIÁVEIS AO CULTIVO: UM ESTUDO NA
ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL, RS.**

São Lourenço do Sul

2017

TATIANA KLUG PINZ BARTZ

**AS LIMITAÇÕES DOS PRODUTORES DE TABACO PARA ENCONTRAR
ALTERNATIVAS FINANCEIRAMENTE VIÁVEIS AO CULTIVO: UM ESTUDO NA
ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL, RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientadora: Profa. Marlise Amália Reinehr Dal Forno.

Co-orientadora: Tanise Pedron da Silva.

São Lourenço do Sul

2017

TATIANA KLUG PINZ BARTZ

**AS LIMITAÇÕES DOS PRODUTORES DE TABACO PARA ENCONTRAR
ALTERNATIVAS FINANCEIRAMENTE VIÁVEIS AO CULTIVO: UM ESTUDO NA
ZONA RURAL DO MUNICÍPIO DE SÃO LOURENÇO DO SUL, RS.**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso de Graduação Bacharelado em Desenvolvimento Rural - PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de _____ de 2017.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dr. Marlise Amália Reinehr Dal Forno – Orientadora
UFRGS

Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel
UFRGS

Prof. Dr. Paulo André Nierdele
UFRGS

*Este trabalho é dedicado, especialmente aos agricultores
que levantam com o sol e estão sempre dispostos a
derramar seu suor em prol do sustento alheio. Chovendo
ou não, está sempre lá de olho nas mudas até que se
transformem em frutos. Que sofre com as intempéries do
clima muitas vezes perdendo toda uma colheita.
Que o céu lhe seja justo, agricultor, e lhe traga a dose
certa de água, calor e também uma dose extra de
esperança...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que permitiu a realização deste curso.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de fazer o curso.

A orientação da Professora Marlise Amália Reinehr Dal Forno.

A coorientação da tutora Tanise Pedron da Silva.

Agradeço aos meus pais Valdomiro e Naira, pelo incentivo.

Meus agradecimentos aos amigos que fiz durante o curso, não somente aos colegas de curso, mas também os que fiz durante os trabalhos a campo, aos que me deram a chance da realização dos estágios e não se opuseram em nenhum momento de me ajudar, não cito nomes, pois são várias pessoas, mas quero que eles saibam que a ajuda deles foi de fundamental importância para que pudesse concluir este curso.

Agradeço em especial meu esposo Darlan, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldade.

Agradeço também minha filha Isadora, que embora não tivesse muito conhecimento sobre a realização deste curso, iluminou de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar conhecimento, espero que no futuro sirva de exemplo para você.

Enfim agradeço a todos aqueles que de alguma forma estiveram e estão próximos de mim, fazendo esta vida valer cada vez mais a pena...

Muito Obrigada a todos!!!

“Toda ação humana, quer se torne positiva ou negativa, precisa depender da motivação.”

Dalai Lama

“A motivação vem de realização, desenvolvimento pessoal, satisfação no trabalho e reconhecimento.”

Frederick Herzberg

RESUMO

O município de São Lourenço do Sul vem crescendo ano a ano no cultivo de tabaco. A cultura do tabaco possui grande importância sócio econômica no município, por ser o principal produto agrícola da região. Muito se fala dos males causados pelo tabaco, principalmente na forma de cigarro. É fato que o sistema produtivo do tabaco afeta também os produtores, que sofrem com as penalidades durante as etapas de manejo, em especial na época de colheita, quando se submetem às altas temperaturas do verão. A isso soma-se o cansaço físico, a suscetibilidade às doenças diversas, a exposição a agrotóxicos e o endividamento dos agricultores que estabelecem contratos com as empresas fumageiras. Entretanto, segundo os próprios produtores eles precisam continuar neste meio, pois se iniciarem outra cultura esta não terá um mercado certo e um preço já pré-estabelecido como acontece com o tabaco, deixando-os em uma situação de incerteza perante o mercado. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é compreender os fatores que dificultam a conversão produtiva do tabaco para outras atividades. Utilizou-se o procedimento de estudo de caso, em que foram entrevistados produtores de tabaco, no mês de agosto de 2017, através de entrevistas semi-estruturadas, no município de São Lourenço/RS. Identificou-se que os fumicultores entrevistados produzem tabaco principalmente pelo retorno financeiro. A diversificação ou produção de outros cultivos, segundo os agricultores, se torna inviável porque o sistema produtivo do tabaco possui mercado garantido para a comercialização algo que os demais produtos não possuem. De acordo com os entrevistados nenhum outro produto cultivado na região traz retornos financeiros superiores ao tabaco. Com isso conclui-se que os agricultores não abandonam a produção de fumo e não diversificam porque não há interesse de mudar sua realidade, mesmo com a jornada de trabalho exaustiva.

Palavras-chave: Tabaco. Diversificação Produtiva. Importância Sócio Econômica. Agrotóxicos.

ABSTRACT

The municipality of São Lourenço do Sul has been growing year by year in the cultivation of tobacco. Tobacco culture has great economic importance in the municipality, be the main agricultural product of the region. Much is said of the evils caused by tobacco, primarily in the form of cigar. It is a fact that the production system also affects tobacco producers, suffering with the penalties during the stages of management, in particular at the time of harvest, when submitted to high temperatures of summer. In addition to this, the physical exhaustion, the susceptibility to various diseases, exposure to pesticides and the indebtedness of farmers establish contracts with tobacco companies. However, according to the producers themselves they need to continue in this, because if they start another culture this will not have a right and a market price determined as with tobacco, leaving them in a situation of uncertainty to the market. In this sense, the objective of this work is to understand the factors that hinder the conversion of tobacco production to other activities. The procedure for case study, in which tobacco producers were interviewed in August of 2017, through semi-structured interviews, in the municipality of San Lorenzo/RS. It was identified that the tobacco growers interviewed produce tobacco mainly by financial return. Diversification or production of other crops, according to farmers, becomes unfeasible because the tobacco production system has a guaranteed market for marketing something that other products do not have. According to the interviewed no other product grown in the region brings superior financial returns to the tobacco. With that concluded that farmers do not abandon the production of smoke and not diversify because there is interest to change your reality, even with the exhaustive work.

Keywords: Tobacco. Productive Diversification. Social and Economic Importance. Pesticides.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Município de São Lourenço do Sul	16
Figura 2 – Produção de Tabaco no Rio Grande do Sul.....	21
Figura 3 – Mercados do Tabaco Brasileiro 2016.....	22
Figura 4 – Etapas da Colheita do Tabaco.....	23
Figura 5 – Vantagens do (SIPT).....	25
Figura 6 – Estufa Elétrica.....	51
Figura 7 – Fumo Semeado nas Bandejas.....	51
Figura 8 – Plantação de Uva.....	51
Figura 9 – Estufas de Morangos.....	52
Figura 10 – Fumo Transplantado para a Lavoura.....	52
Figura 11 – Mudas de Fumo Prontas para o Transplante.....	52

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Renda Per Capita Média.....	24
Quadro 2 – A Casa do Produtor.....	24
Quadro 3 – Autoavaliação.....	24
Quadro 4 – Por que Plantar Tabaco.....	24
Quadro 5 – Análise dos Estabelecimentos Rurais Analisados.....	35

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFUBRA-Associação dos Fumicultores do Brasil
ATER-Assistência Técnica e Extensão Rural
CAPA-Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia
CQCT-Convenção Quadro para o Controle do Tabaco
COP-Conferencia das Partes
COP7-Sétima Sessão das Conferencias das Partes
CONAB-Companhia Nacional de Abastecimento
COBAN-Correspondente Bancário Banco do Brasil
EPIs-Equipamentos de Proteção Individual
EMATER-Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
FETRAF-Federação dos Trabalhadores na Agricultura Familiar
IBGE-Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ITR-Imposto Territorial Rural
ICMS-Imposto Sobre Circulação de Mercadorias e Serviços
INCRA-Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
MDA-Ministério do Desenvolvimento Agrário
OMS-Organização Mundial da Saúde
PNATER-Política Nacional de Assistência técnica e Extensão Rural
PAA-Programa de Aquisição de Alimentos
PRONAF-Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar
SINDITABACO-Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco
SIPT-Sistema Integrado de Tabaco
UFRGS-Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	15
2.METODOLOGIA.....	17
3.REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.	20
3.1 A Origem do Tabaco: Um Pouco da História.....	20
3.2 Diversificação Produtiva: Entre Interesses e Obstáculos	29
4. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES	35
4.1 Caracterização dos Estabelecimentos Rurais do Estudo	35
4.2 Caracterização das Entidades que Trabalham com os Agricultores na Região de Estudo.	40
4.2.1 Entrevista com a Entidade Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço do Sul.....	40
5. CONCLUSÃO.....	42
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	47
ANEXO A – FOTOS	51
ANEXO B- ROTEIRO DE ENTREVISTAS	53

1. INTRODUÇÃO

A cultura do tabaco possui grande importância sócio econômica no município de São Lourenço do Sul/RS, não somente na área urbana pela movimentação financeira e por ser o principal produto produzido na região, mas também porque se torna importante para o agricultor, pois é um produto que possui mercado certo, assistência técnica, financiamentos garantidos e principalmente retorno financeiro favorável para o agricultor.

Muito se fala dos males causados pelo tabaco, principalmente na forma de cigarro. É fato que o sistema produtivo do tabaco afeta também os produtores, que sofrem com as penalidades durante as etapas de manejo, em especial na época de colheita, quando se submetem as altas temperaturas do verão. O cansaço físico, a suscetibilidade às doenças diversas, a exposição a agrotóxicos e endividamentos são outras dificuldades enfrentadas na produção de tabaco. Entretanto, segundo os próprios produtores, precisam continuar neste meio, pois se iniciarem outra cultura esta não terá mercado certo e preço já pré-estabelecido como acontece com o tabaco, deixando-os em uma situação de incerteza perante o mercado.

Neste sentido, o presente trabalho analisa os principais desafios à substituição do cultivo do tabaco entre agricultores familiares de São Lourenço do Sul. Cultivo este fortemente inserido nas propriedades em especial de agricultores familiares da zona rural do município. O principal objetivo que se propõe neste estudo é compreender os fatores que dificultam a conversão produtiva do tabaco para outras atividades. Busca-se desta maneira verificar e analisar o interesse em substituir o cultivo de tabaco e os desafios para essa mudança; caracterizar as famílias produtoras de tabaco; identificar as motivações para realização do cultivo.

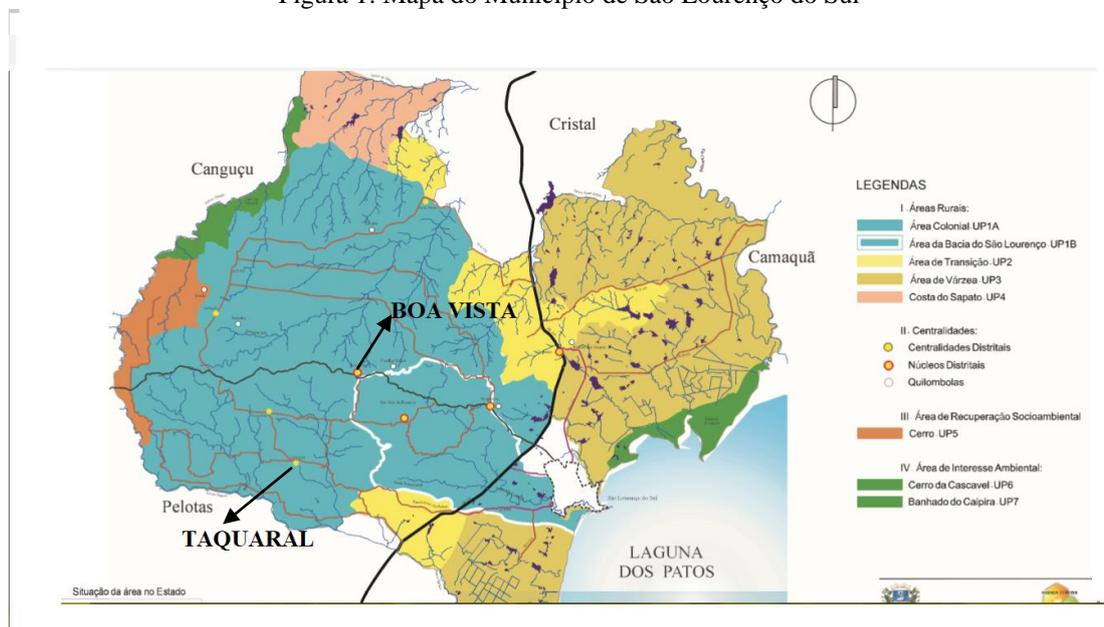
Segundo dados do IBGE, o município de São Lourenço do Sul possuía em 2010 uma população total de 43.111 habitantes, sendo que esta população foi estimada em 44.561 habitantes no ano de 2016. No ano de 2010 a zona rural do município era habitada por 18.880 pessoas. Na safra do tabaco de 2015/2016 havia no município 3.462 produtores que em conjunto produziram 14.433 toneladas de tabaco, ficando em segundo no ranking dos maiores produtores do país, conforme dados do Sindicato do Tabaco (SINDITABACO, 2017).

O cultivo de tabaco tem como base as pequenas propriedades, onde o cultivo representa 47,9% da renda familiar. O Brasil é o segundo maior produtor mundial de tabaco e líder em exportações desde 1993. Em 2016 o tabaco representou 1,15% do total das exportações brasileiras. Para região Sul do Brasil, o cultivo de tabaco é uma das atividades

mais significativas e está presente em 574 municípios envolvendo cerca de 154 mil pequenos produtores, dando origem a 40 mil empregos diretos nas indústrias (SINDITABACO, 2017).

O município de São Lourenço do Sul situa-se na região sul do estado do Rio Grande do Sul, distante 198 km da capital Porto Alegre. Conforme dados do IBGE, desde o ano de 1995, o município é constituído de oito distritos: São Lourenço do Sul, Boa Vista, Boqueirão, Esperança, Faxinal, Prado Novo, Harmonia e Taquaral. O estudo foi realizado na zona rural deste município, grande produtor de tabaco, especificamente com produtores familiares dos distritos de Taquaral e Boa Vista.

Figura 1: Mapa do Município de São Lourenço do Sul



Fonte: Geocities (2017)

O tabaco é um dos principais cultivos realizados pelos agricultores da zona rural do município de São Lourenço do Sul e possui grande potencial econômico, movimentando o comércio do município. Fala-se na implantação de novos cultivos nestas áreas, através dos programas de diversificação implantados pelo governo como é o caso do Programa Nacional de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco. Atualmente há tendência que ocorra uma diminuição no consumo de tabaco, o que afetaria diretamente o produtor. O Programa referido objetiva, justamente, garantir possibilidades de alternativas geradoras de renda para os produtores (PERONDI, 2008).

Procurou-se evidenciar neste trabalho, as opiniões dos agricultores em relação ao cultivo de tabaco, através de entrevistas na intenção de descobrir quais as motivações e quais os problemas enfrentados para produzir tabaco, e principalmente, o que se faria ou se produziria se ocorresse a diminuição ou a proibição do cultivo deste produto.

Devido ao cenário alarmante sobre os efeitos do tabagismo, vem se realizando esforços a nível mundial para diminuição do consumo, e por consequência sua produção. A Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco (CQCT), ratificada pelo Brasil em 2005, prevê unir esforços a nível mundial para adoção de um conjunto de medidas que detenham a expansão global do consumo de tabaco (ZOTTI, 2010). Os agricultores mostram-se preocupados com a (CQCT) tendo em vista que esta possa gradativamente conduzir à proibição do cultivo de tabaco, pois, segundo eles nenhum outro cultivo trará o mesmo retorno financeiro para a propriedade. Até o presente momento os produtores não se adaptaram a possibilidade da diversificação de cultivos e apresentam certo receio de inserir em sua propriedade algum produto que possa vir a substituir o tabaco, principalmente em pequenas áreas.

Sabe-se que a maior parte do produto “tabaco” é usado para produção de cigarro e é sabido que são inúmeros os efeitos maléficos causados pelo seu uso. Segundo informações da revista Globo Rural online, em 2011 foram gastos R\$ 23 milhões com doenças decorrentes do uso do cigarro no Brasil. Estima-se que ocorram anualmente cinco milhões de mortes através do tabagismo, podendo se dizer que a cada seis segundos uma pessoa morre por causa do cigarro (ZOTTI, 2010).

2.METODOLOGIA

Para a realização do trabalho foi utilizada a pesquisa exploratória, tendo como objetivo a familiarização com o problema da falta de cultivos, financeiramente viáveis, que poderiam vir a substituir o cultivo de tabaco fortemente inserido em propriedades de agricultores familiares da zona rural do município de São Lourenço do Sul. Segundo Gerhardt e Silveira (2009), a pesquisa exploratória envolve pesquisas bibliográficas, entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado.

Para compor os dados primários foram realizadas entrevistas semiestruturadas, (GERHARDT e SILVEIRA, 2009), neste tipo de entrevista são organizadas questões sobre o tema que está sendo estudado, mas permite que o entrevistado fale livremente sobre assuntos pertinentes ao tema inicial.

Em relação ao roteiro de entrevistas, foram elaboradas questões sobre dificuldades de encontrar alternativas à produção de tabaco, renda oriunda do cultivo de tabaco, assistência técnica, financiamentos, cultivos alternativos, insumos químicos, uso de EPIs, ou seja, perguntas que estimulasse uma interação entre o entrevistador e o entrevistado, fazendo com

que o entrevistado também pudesse falar livremente sobre o assunto, assim gerando mais conteúdo para o trabalho.

Foram realizadas entrevistas com cinco produtores de tabaco, moradores de duas regiões distintas da zona rural do município: Taquaral e Boa Vista. A escolha destes cinco produtores se deve ao fato de além de cultivarem tabaco produzirem outros produtos que possam vir a substituir o tabaco na região. Estes agricultores expuseram suas dificuldades e vantagens na produção do tabaco. As entrevistas foram realizadas com breve agendamento com os agricultores, durante o mês de agosto onde muitos agricultores já estão com as áreas de plantio prontas para dar início a uma nova safra. Algumas entrevistas foram realizadas durante a noite pela disponibilidade de tempo dos agricultores e outros durante o dia. Todas as entrevistas foram gravadas através do celular facilitando o diálogo com os agricultores, fazendo assim com que nenhuma informação pertinente fosse perdida, e tiveram a duração máxima de uma hora. Todos os entrevistados foram bem receptivos e disponíveis para responder as questões. A maioria das entrevistas foram realizadas dentro das residências dos agricultores em uma roda familiar de conversa. Aliado à gravação de áudio, também utilizou-se o diário de campo, anotando o que foi observado nas propriedades durante as visitas. Foram feitos registros fotográficos para ilustrar o cotidiano destes agricultores junto ao cultivo de tabaco e assim captar elementos da realidade para compor o trabalho.

Abaixo as principais características dos agricultores entrevistados.

O Agricultor 1 é caracterizado por possuir 57 hectares de terra. Cultiva produtos como: tabaco, soja, milho e frutas. Cria aves e peixes para auto consumo. Utiliza principalmente a mão de obra familiar. Comercializa tabaco, milho e soja.

O Agricultor 2 é caracterizado por possuir 45 hectares de terra. Cultiva produtos como: tabaco, soja, milho, hortaliças e frutas. Cria peixes para auto consumo. Utiliza principalmente a mão de obra familiar. Comercializa tabaco, milho e soja.

O Agricultor 3 é caracterizado por possuir 13 hectares de terra. Cultiva produtos como: tabaco, milho, batata, feijão, hortaliças e frutas. Cria peixes para auto consumo. Utiliza mão de obra de diaristas e a familiar. Comercializa tabaco e milho.

O Agricultor 4 é caracterizado por possuir 14 hectares de terra. Cultiva produtos como: tabaco, uva, morango e hortaliças. Não foi observada a criação de animais na propriedade. Utiliza principalmente a mão de obra familiar. Comercializa tabaco e morango.

O Agricultor 5 é caracterizado por possuir 20 hectares de terra. Cultiva produtos como: tabaco, milho, batata, batata doce e frutas. Cria peixes, aves, suínos, bovinos, equinos. Utiliza mão de obra familiar e de diaristas. Comercializa somente tabaco.

Foram realizadas entrevistas com o agrônomo responsável pela EMATER (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural) de São Lourenço do Sul na sede da mesma e um funcionário responsável pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço do Sul. Estes atuam cotidianamente com os agricultores da zona rural especialmente os fumicultores, as entrevistas foram realizadas nas sedes das entidades. Estas lideranças foram entrevistadas para compreender o trabalho destas com os produtores de tabaco, procurando saber sobre possíveis ações que possam ser implantadas pelas mesmas se ocorrer uma futura proibição de cultivo.

Para compor os dados secundários foram realizadas pesquisas eletrônicas, trazendo referências de materiais teóricos já publicados, dando ênfase a autores como (ZOTTI, 2010), (HILSINGER, 2016), (ANDRADE, 2014) e (BONATO, 2010) e ainda dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) para compreensão da problemática.

Adotou-se a abordagem qualitativa para elaboração deste trabalho, tendo o intuito de conhecer a realidade da produção de tabaco além das reais possibilidades de implantação de cultivos alternativos na região de estudo. Conforme (GERHARDT e SILVEIRA, 2009), esta abordagem preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se para compreender dinâmicas das relações sociais. Para MINAYO (2001) apud. GERHARDT e SILVEIRA (2009), a pesquisa qualitativa trabalha com motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo nas relações. Neste sentido, a abordagem qualitativa permite compreender a racionalidade dos produtores de tabaco, bem como suas dificuldades e seus interesses.

O conteúdo foi obtido em pesquisas eletrônicas, em que se reúnem informações para compreensão do por que existe tamanha dificuldade de encontrar produções alternativas e, financeiramente viáveis, ao cultivo do tabaco. Foi confrontado com o conteúdo das entrevistas realizadas, classificando os dados obtidos, e por fim realizando o tratamento dos resultados. Para (GERHARDT e SILVEIRA, 2009), uma vez que ocorre a coleta de dados, trata-se de verificar se as informações correspondem aos resultados esperados pelas questões de pesquisa.

No que tange a análise de dados, utilizou-se a análise de conteúdo iniciando pelo conteúdo das entrevistas verificando se as informações obtidas correspondem aos resultados esperados. A Análise de Conteúdo se refere á uma técnica de organização e análise de dados nas pesquisas qualitativas, em que se busca descrever o conteúdo tanto das falas quanto de textos (CAVALCANTE, CALIXTO E PINHEIRO, 2014). Nesse sentido, a Análise de Conteúdo permite a descrição das mensagens e atitudes relacionadas à fala, permitindo ao

pesquisador compreender a realidade manifestada também nas entrelinhas (CAVALCANTE, CALIXTO E PINHEIRO, 2014), o que exige maior perspicácia e sensibilidade da pesquisadora.

Foram mencionados pelos entrevistados fatos antes não cogitados sobre o plantio de tabaco, explorando-se este material e agregando material bibliográfico para melhor compreensão. Por fim foram reunidos todos os dados obtidos tanto nas entrevistas quanto no material bibliográfico, destacando as informações mais pertinentes, interpretando-as para conclusão deste trabalho. Conforme citam Gerhardt e Silveira, (2009), para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, é importante superar a tendência de acreditar que os dados obtidos serão mostrados espontaneamente ao pesquisador, é preciso entrar na realidade dos atores sociais, assim serão apresentadas possibilidades teóricas e práticas de análise do material qualitativo.

3.REVISÃO BIBLIOGRÁFICA.

3.1 A Origem do Tabaco: Um Pouco da História

Historiadores consideram o tabaco de origem americana sendo cultivada pelos indígenas, tendo se difundido pelo mundo através da migração destes povos. No Brasil o tabaco teria se difundido principalmente pela migração da tribo Tupi Guaraní (SINDITABACO,2017).

Os primeiros portugueses, ao desembarcarem no Brasil, já encontraram o tabaco em praticamente todas as tribos indígenas. Para os índios esta planta possuía carácter sagrado, seu uso limitava-se aos rituais religiosos na tribo, e era reservado exclusivamente aos pagés (SINDITABACO, 2017).

De planta mágico-religiosa dos índios, o tabaco passou a ser um produto comercial das colônias européias. O cultivo e o comércio de tabaco no Brasil colonial teve grande importância no século XVII, sendo um dos principais produtos exportados durante o período do Império (SINDITABACO, 2017).

Conhecida como “fumo de corda”, uma variedade escura, da qual era feito o “rapé” e também utilizado na forma de cigarro e charuto, o tabaco foi de fundamental importância para que a cultura açucareira se consolidasse no Brasil, pois o tabaco era a principal moeda de troca utilizada para o pagamento por escravos que trabalhavam nos canaviais (LIMBERGUER, 2013).

Com a chegada dos primeiros imigrantes alemães no Rio Grande do Sul, por volta de 1824, já havia o empenho deste povo em plantar tabaco. Segundo Ruviano, (2015), os alemães foram os responsáveis pela transformação da região Sul do País em maior produtora de tabaco, em 1870 já era o principal produto da economia no município de Santa Cruz do Sul no Vale do Rio Pardo.

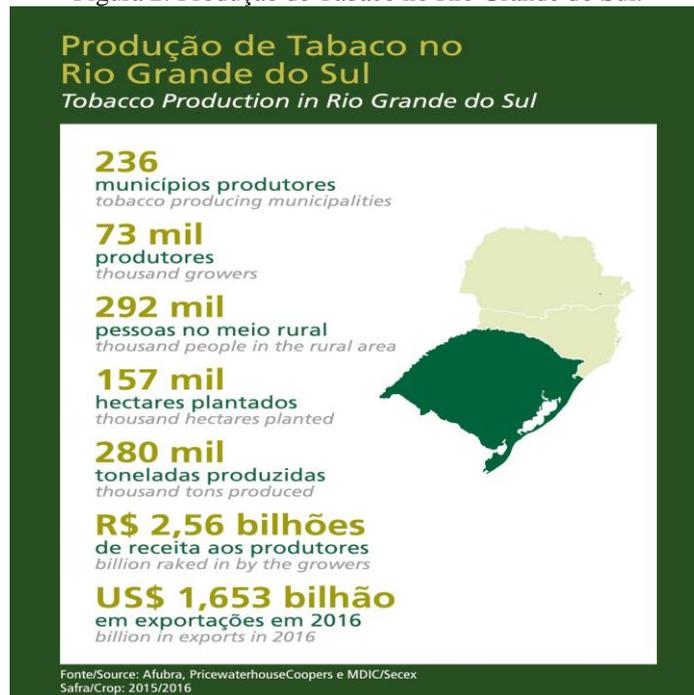
O tabaco surgia como alternativa de maiores ganhos aos agricultores. Produtos como milho, feijão e banha eram produzidos por outras colônias e fornecidos a preços mais competitivos por facilidade maior de transporte (LIMBERGUER, 2013).

As variedades de tabaco cultivadas pelos imigrantes, no início, eram variedades como Havana, Gigante e Crioulo, sendo a partir do ano de 1870 introduzida a variedade do tipo Chinês, que posteriormente ficaria conhecido como “amarelinho” (LIMBERGUER, 2013). Sobre o cultivo de tabaco claro, o Virginia era amplamente consumido na Alemanha quando os imigrantes chegaram ao Brasil. Apesar da variedade Virginia não encontrar condições para ser cultivado em escala comercial, o que só ocorreu no século seguinte, o tabaco da variedade “amarelinho” era semelhante ao Virginia e passou a ter boa aceitação no mercado alemão, que na época era o maior comprador do tabaco brasileiro. A partir do tipo de estrutura e das variedades de tabaco produzidas, a produção de tabaco no Rio Grande do Sul foi crescendo e também à participação na produção brasileira (LIMBERGUER, 2013).

Dados da Associação de Fumicultores do Brasil (AFUBRA) mostram que o município de São Lourenço do Sul vem crescendo ano a ano no cultivo de tabaco. Em 2016 o município assumiu a segunda posição no ranking da produção nos três estados do Sul do Brasil, possuindo 3.462 produtores, produziu 14.433 toneladas, ficando atrás somente do município vizinho de Canguçu, conforme dados do Jornal Tradição Regional (2017).

No Sul do País o tabaco está presente em 574 municípios, envolve cerca de 154 mil pequenos produtores e dá origem a 40 mil empregos diretos nas indústrias (SINDITABACO, 2017). A indústria do tabaco do Sul do Brasil é composta por empresas de pequeno, médio e grande porte, em sua maioria estão situadas nos municípios gaúchos de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires, constituindo o maior complexo de processamento de tabaco do mundo (SINDITABACO, 2017).

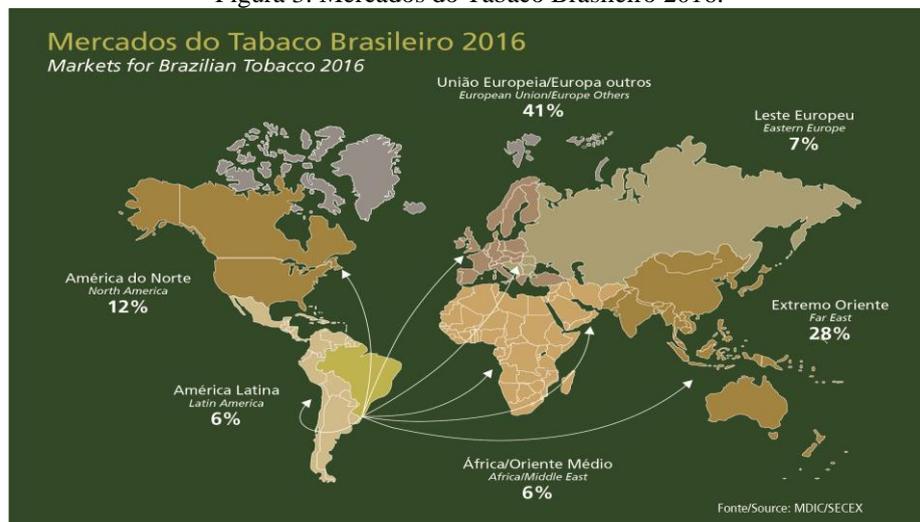
Figura 2: Produção de Tabaco no Rio Grande do Sul.



Fonte: SINDITABACO (2017).

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de tabaco desde 1993 e líder em exportações, atendendo aos padrões mais exigentes. Em 2016, o tabaco representou 1,15% do total das exportações do Brasil, embarcando US\$ 2,12 bilhões. Neste período, o principal mercado foi aberto pela União Europeia com 41% do total de embarques, seguida pelo Extremo Oriente com 28%, (SINDITABACO, 2017). Para região Sul do País, o cultivo de fumo é uma das atividades mais significativas, representando 10% no total das exportações, (SINDITABACO, 2017).

Figura 3: Mercados do Tabaco Brasileiro 2016.

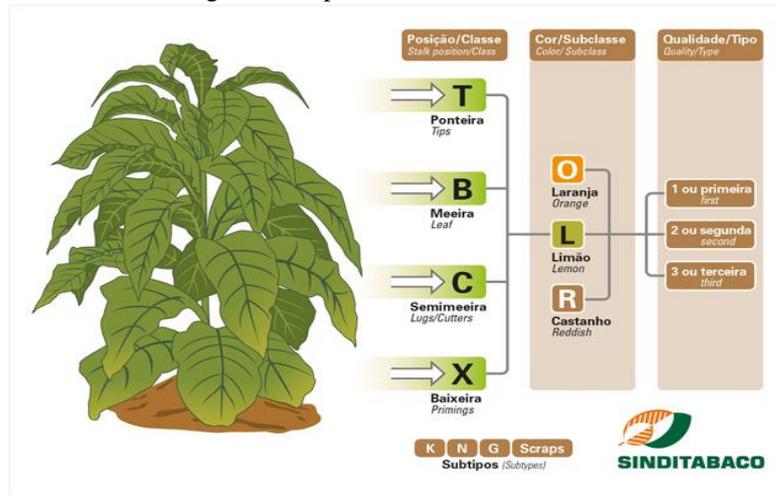


Fonte: SINDITABACO (2017).

A produção de tabaco é realizada em várias etapas, normalmente iniciando pelo semeio e preparação da terra no mês de julho, seguindo pelo transplante e cuidados com a planta nos meses de agosto, setembro e outubro, iniciando a colheita no mês de novembro seguindo até março quando inicia o trabalho no galpão com o produto já seco terminando a safra nos meses de junho/julho quando já se inicia uma nova safra.

O período de maior dificuldade para os agricultores é a época de colheita, realizada no verão, com altas temperaturas. A colheita do tabaco da variedade Virgínia normalmente é feita em quatro etapas, primeiramente colhem-se as folhas mais baixas do pé de tabaco, a chamada “baixeira”, seguido pela segunda e terceira apanha, terminando com a colheita das folhas superiores “ponteira” que possuem maior valor comercial após secas.

Figura 4: Etapas da Colheita de Tabaco.



Fonte: SINDITABACO, (2017).

Essa atividade traz ao pequeno agricultor a possibilidade de uma remuneração mais atrativa do que outros cultivos, pois, tem a oportunidade de realizar financiamentos, ter acompanhamento técnico, mercado para venda da produção (ANDRADE, 2014).

O tabaco é um cultivo que se diferencia de outros pela estabilidade do preço. Apesar da dificuldade das entidades representativas em chegar a um acordo, o preço do tabaco não diminui de um ano para o outro, o valor para comercialização nas respectivas safras iniciam com o preço do ano anterior. O que pode ocorrer é o rebaixamento da classe do tabaco no momento da compra, se existir uma grande oferta, maior que a demanda, as empresas acabam rebaixando a classe no momento da compra. O produtor pode acompanhar o processo de compra tendo a opção de deixar o tabaco na empresa ou levá-lo de volta para propriedade se discordar da classificação (FISCHBORN, 2011).

Considerando que a produtividade do tabaco é de 2.200 kg/ha e o preço médio na safra 2012/2013 foi de R\$ 6,00/kg, o produtor pode obter uma receita bruta de R\$ 13.200,00 por hectare. Já na cultura da soja, por exemplo, a receita não ultrapassaria R\$ 4.000,00, por este motivo, principalmente nas pequenas áreas, o agricultor cultiva o tabaco, não o plantam necessariamente por que gostam, mas por causa do retorno financeiro que este cultivo traz para a propriedade (HILSINGER, 2016).

O rendimento satisfatório agregado aos benefícios que a fumicultura dispõe para os agricultores, como, financiamentos, assistência técnica, comercialização, é atualmente a maior motivação para que o agricultor familiar continue produzindo tabaco. Os produtores têm optado pelo plantio de tabaco, pois as fumageiras têm um pacote preparado para diminuir as dificuldades dos produtores (FISCHBORN, 2011).

Um estudo realizado pela UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) encomendado pelo SINDITABACO, realizado com 1.145 produtores da região sul do País sobre o perfil socioeconômico do produtor de tabaco (SINDITABACO, 2017), nos mostra que:

QUADRO 1: RENDA PER CAPITA MÉDIA

PRODUTOR DE TABACO	BRASILEIRO GERAL
R\$ 1.926,73	R\$ 1.113,00

QUADRO 2: A CASA DO PRODUTOR

99% ENERGIA ELÉTRICA
99% ÁGUA AQUECIDA PARA BANHO
97% FOSSA SEPTICA PARA ESGOTO
96% ÁGUA ENCANADA
90% TRÊS OU MAIS DORMITÓRIOS
65% CASAS DE ALVENARIA

QUADRO 3: AUTOAVALIAÇÃO

90% ESTÃO SATISFEITOS EM TRABALHAR NA ATIVIDADE AGRÍCOLA
85% PRETENDE CONTINUAR PLANTANDO FUMO
73% AFIRMAM TER SUCESSOR
64% ACREDITAM QUE A RENDA DA FAMÍLIA PERMITE QUE ELES LEVEM A VIDA COM FACILIDADE

QUADRO 4: POR QUE PLANTAR TABACO?

90% ESTÃO SATISFEITOS EM TRABALHAR NA ATIVIDADE AGRÍCOLA
89% POR SER A CULTURA MAIS RENTÁVEL/LUCRATIVA
88% POR RECEBER ORIENTAÇÃO TÉCNICA
82% POR EXISTIR SEGURO AGRÍCOLA
70% POR POSSUIR TABELA DE PREÇO NEGOCIÁVEL

Para o Brasil, o cultivo e beneficiamento do tabaco atualmente são de grande importância. O complexo agroindustrial de tabaco do sul do país é responsável por 95,4% da produção nacional, com uma movimentação financeira que supera os R\$ 10 bilhões/ano considerando as diversas etapas do processo produtivo e comercial (ZOTTI, 2010).

A estrutura do sistema de produção é fruto de um longo processo e está bastante consolidado, criando dificuldades quando se fala na introdução de novos sistemas de produção a curto e médio prazo.

O Sistema Integrado de Tabaco (SIPT) tornou-se um importante fator de destaque que acompanha os produtores há várias décadas. O (SIPT) é considerado um dos pilares do agronegócio: prima pela sustentabilidade econômica, social e ambiental, fortalecendo toda cadeia produtiva, do produtor ao cliente final (SINDITABACO, 2017).

Figura 5: Vantagens do (SIPT)

Vantagens do Sistema Integrado de Produção de Tabaco (SIPT) <i>Benefits derived from the Integrated Tobacco Production System (ITPS)</i>		
Produtores <i>Producers</i>	Empresas <i>Companies</i>	Clientes <i>Clients</i>
Garantia de venda da produção <i>Crop sale guarantee</i>	Planejamento de safra <i>Crop planning</i>	Fornecimento regular <i>Regular supply</i>
Assistência técnica <i>Technical assistance</i>	Qualidade do produto <i>Product quality</i>	Qualidade garantida <i>Quality guarantee</i>
Assistência financeira <i>Financial assistance</i>	Integridade do produto <i>Product integrity</i>	Garantias de normas ISO <i>Assured ISO standards</i>
Transporte do tabaco <i>Transport of tobacco</i>	Garantia de fornecimento de matéria-prima <i>Guaranteed raw material supply</i>	Rastreabilidade do produto <i>Product traceability</i>

Fonte: SINDITABACO (2017).

Conforme Zotti (2010), o crescimento da produção e exportação do tabaco brasileiro pode ser diretamente relacionado aos custos de produção apresentarem-se comparativamente baixos, à presença do sistema de produção integrado que envolve contratos firmados entre agricultores e indústrias, e à qualidade do tabaco tipo “Virginia”, produzido no Brasil.

O SINDITABACO (Sindicato Interestadual da Indústria do Tabaco) foi criado para garantir a sustentabilidade do setor e representar os interesses comuns das indústrias de tabaco (SINDITABACO, 2017).

Os riscos e danos causados a saúde dos produtores de tabaco é bem evidente, pois se utilizam indiscriminadamente de agrotóxicos que causam intoxicações e distúrbios neurocomportamentais nos indivíduos da família (ZOTTI, 2010). Doenças como a ansiedade e depressão são cada vez mais comuns, além da denominada “doença da folha verde”, que ocorre quando os agricultores absorvem grande quantidade de nicotina presente nas folhas do tabaco durante o manuseio, causando náuseas, vômitos, dores de cabeça e abdominais, mudanças na pressão sanguínea, entre outros, conforme Zotti (2010). A colheita do tabaco ocorre nas primeiras horas do dia, normalmente as folhas estão molhadas de orvalho, em contato com a pele do agricultor causa a chamada “doença da folha verde” (RUVIARO, 2015).

Segundo o Sinditabaco (2017), usar a vestimenta específica, luvas adequadas e calçado fechado, assim como evitar colher tabaco quando as folhas estiverem molhadas por chuva ou orvalho, previne exposição à nicotina das folhas que pode provocar uma possível intoxicação e causar a “doença da folha verde”.

Em todas as etapas do cultivo do tabaco, o agricultor mantém contato direto com os agrotóxicos por meio das aplicações que realiza com pulverizadores costais, muitas vezes em épocas quentes, que favorecem a opção dos agricultores, por conforto físico, em não utilizar ‘EPIs’ (Equipamentos de Proteção Individual), aumentando os riscos à saúde (BONATO et. al., 2010). São usados diversos tipos de agrotóxicos, como fungicidas, inseticidas e herbicidas, classificados como tóxicos e altamente tóxicos, entre eles o “glifosato”, herbicida usado no País para “capina química” e vários inseticidas “organofosforados”, conforme registros do Observatório da Política Nacional do Controle do Tabaco (s.d.).

Durante todas as etapas do cultivo de fumo os agricultores estão expostos aos produtos toxicológicos, como insumos, fertilizantes e gases nocivos liberados pelos pés de tabaco (RUVIARO, 2015). Para que os pés de tabaco possam se desenvolver corretamente, os fumicultores colocam na terra, através da adubação, nutrientes necessários para garantir o bom desenvolvimento. Porém, todas as substâncias químicas são consideradas como fonte de

ameaça à saúde dos produtores e a adubação, que normalmente é feita manualmente sem proteção de luvas, pode provocar a intoxicação (RUVIARO, 2015).

Muito se fala sobre doenças causadas pelo cigarro, porém o simples contato com as folhas de tabaco podem intoxicar o agricultor, bem como causar outros problemas de saúde, (RUVIARO, 2015).

Os inseticidas “organofosforados” e “carbamatos”, agrotóxicos lipossolúveis (solúveis em gordura e óleo), são de fácil absorção por inalação, por ingestão ou exposição dérmica (RUVIARO, 2015). Quando ocorre a intoxicação pelos “organofosforados”, os agricultores apresentam sequelas neurológicas, como, a síndrome intermediária, que causa diarreia intensa e paralisia de músculos, podendo levar ao óbito e, efeitos comportamentais; causando insônia, ansiedade, irritabilidade e depressão, polineuropatia (doença que atinge o sistema nervoso periférico, provocando fraqueza progressiva nos membros, podendo levar a paralisia total dos membros afetados) sintomas dérmicos, vermelhidão, coceira, etc. (RUVIARO, 2015).

Devido a todas as informações citadas acima sobre os malefícios causados, principalmente aos produtores pelo cultivo de tabaco, se vê a necessidade de encontrar alternativas que substituam o fumo, especialmente pelo “mal da folha verde” onde o agricultor absorve uma grande quantidade de nicotina, causando um terrível mal estar. Até o presente momento não se sabem os reais efeitos deste mal nos agricultores futuramente, mas o que se sabe é que a nicotina que fumantes absorvem é muito prejudicial à saúde humana.

A Convenção-Quadro para o Controle do Tabaco, proposta em 1999, durante a 52ª Assembléia Geral das Nações Unidas, sendo aprovada quatro anos depois, é considerado o primeiro tratado internacional da história sobre saúde pública, durante a 56ª Assembleia e foi uma iniciativa da Organização Mundial da Saúde (OMS) em virtude dos danos causados pelo consumo de cigarros e outros produtos do tabaco (LIMBERGUER, 2013).

A (CQCT) tem como objetivo principal agir com o propósito de reduzir a demanda e a oferta mundial de tabaco. A convenção tem como órgão diretivo a Conferência das Partes (COP), que reúne a cada dois anos e é responsável por rever regularmente a implementação dos objetivos da convenção (LIMBERGUER, 2013).

A (CQCT) enumera medidas que tangem a demanda e a oferta de tabaco. Desde a assinatura do Brasil no (CQCT), em 2005, algumas medidas foram implementadas para o controle do tabagismo, o que acarretou uma leve queda no consumo. Porém, a produção e a exportação de tabaco não foram afetadas pelas medidas adotadas pelo país, pois a produção se manteve constante, segundo Santiago (2014).

A (CQCT) é o primeiro tratado mundial de saúde pública, que promove a redução no plantio e no consumo de tabaco. O texto final da (CQCT), é constituída por trinta e oito artigos e dois deles fazem referência direta aos produtores de tabaco (RIQUINHO et. al., 2014). No artigo dezessete, se recomenda que organizações intergovernamentais, internacionais e regionais promovam alternativas economicamente viáveis para substituição do cultivo de tabaco. O artigo dezoito diz respeito à proteção do meio ambiente e à saúde das pessoas envolvidas com o cultivo e a fabricação de derivados do tabaco (RIQUINHO et. al., 2014).

A convenção contribuiu para a criação de um cenário institucional contrário à produção e consumo do tabaco no mercado internacional, pois traçou entre seus objetivos gerais, a proteção das gerações futuras dos efeitos nocivos da exposição à fumaça do cigarro, deverá adotar medidas a fim de reduzir o consumo de tabaco e conseqüentemente prevenir a incidência de doenças relacionadas a este produto (LIMBERGUER, 2013).

Durante a Sétima Sessão das Conferências das Partes (COP7) (2016), realizada no período de 7 a 12 de novembro, na Índia, demonstrou-se à necessidade de combate à interferência da indústria do tabaco, combate a todas as formas de consumo do tabaco, implantação de meios alternativos de subsistência para trabalhadores e produtores do setor, necessidade de financiamento e outras medidas que assegurem a sustentabilidade para a implementação de medidas para estimular a rápida entrada em vigor e efetiva adoção do Protocolo no intuito de eliminar o comércio ilícito dos produtos provenientes do tabaco, segundo informações da conferência das Partes (s.d.).

A pressão das organizações da sociedade civil mostrou-se favorável no âmbito de conscientizar a população sobre os males causados pelo tabaco e obrigar as empresas a informar aos consumidores a quantidade de substâncias tóxicas utilizadas na fabricação do cigarro (LIMBERGUER, 2013).

A CQCT reforçou a restrição ao crédito rural concedido a fumicultores, considerando que desde 2002 vigoravam restrições ao controle de custeio realizado por produtores de tabaco. A Convenção Quadro veio revisar as políticas de restrições ao crédito à fumiicultura, exigindo dos agricultores, candidatos ao empréstimo, que no mínimo 20% da renda obtida pelo produtor fosse oriunda de outras atividades (LIMBERGUER, 2013).

Devido à importância da produção tabaqueira no Brasil, a ratificação da CQCT não teve importância significativa na produção de tabaco, uma vez que tange a diversificação das áreas de cultivo (LIMBERGUER, 2013). Entretanto, em longo prazo, acredita-se que a

produção de tabaco pode vir a sofrer decisões da CQCT, já que estas são generalizadas para os sistemas produtivos do mundo todo, e não contemplam regiões específicas.

3.2 Diversificação Produtiva: Entre Interesses e Obstáculos

A agricultura brasileira é composta por uma diversidade de experiências, como as grandes propriedades que destinam sua produção à exportação especializada em uma determinada cultura, as pequenas e médias propriedades que também praticam a monocultura, como é o caso do cultivo de tabaco, o sistema diversificado onde o agricultor cultiva um maior número de atividades agrícolas.

A monocultura se identifica melhor no agronegócio onde grande produtores, com maior estrutura fundiária, conseguem, na maioria das vezes, barganhar melhores preços na comercialização (SCHAFFER, 2011).

A agricultora familiar, assim como os fumicultores, devem buscar a diversificação, visando adequar sua propriedade, com maior número de opções, pois se de um lado a produção de tabaco traz retornos financeiros viáveis ao produtor, por outro lado traz problemas ambientais e de saúde humana. E ainda tem a questão da CQTC que visa reduzir a demanda e oferta de tabaco. Assim o agricultor terá que diminuir gradativamente a quantidade de tabaco produzida. Quanto antes o agricultor familiar optar pela diversificação de sua propriedade, mais chances de renda terá quando as regras da CQCT forem realmente implementadas.

As vantagens da diversificação produtiva são poucas quando se concentra em apenas um setor produtivo ou mercado. É importante que a qualidade do processo de diversificação seja considerada, para que as famílias possam construir possibilidades de rendas agrícolas e não agrícolas compatíveis com seu meio de vida rural (SIMONETTI, et. al., 2011).

Quanto mais chances de diversificar o agricultor, ou produtor de tabaco tiver, maiores serão as oportunidades para a estabilidade financeira da família, trazendo maior segurança quando se fala em oscilações de preço e mercado, possuindo maiores oportunidades e aumentando de renda. Mas, para que isso possa realmente ser efetivado em uma propriedade, o agricultor terá que buscar conhecimento e assistência para desenvolver estas atividades alternativas.

A diversificação de atividades agrícolas necessita de um bom planejamento, e este deve ser desenvolvido com a participação efetiva de todos os atores sociais envolvidos, com a fundamental participação das comunidades e dos setores que representam os agricultores (SCHAFFER, 2011). A diversificação agrícola, quando realizada de forma planejada,

proporciona condições favoráveis para a manutenção dos agricultores familiares nas unidades de produção agrícola.

O cultivo de tabaco gera uma série de desafios para implantação de processos de diversificação de produção e renda nas áreas fumicultoras. Trabalhar na perspectiva da diversificação nas áreas produtoras requer ações inter setoriais que contemplem temas associados à saúde, meio ambiente, organização social, cultura, lazer, segurança alimentar e tecnologias apropriadas (GREGOLIN, 2010).

A diversificação é a criação de diversidades em processos sociais e econômicos, que oportunizam à família a adaptação e diversificar o seu meio de vida, podendo ser inclusive, um indicador de desenvolvimento rural (PERONDI, 2008).

A diversificação dos meios de vida pode contribuir de várias formas para melhorar a pobreza: primeiro, a distribuição de renda, devido à correlação entre superação da pobreza por algumas famílias rurais e a diversificação dos modos de vida; segundo, a produtividade rural, onde a diversificação dentro das unidades de produção, muitas vezes acontece associada às contribuições de segurança de renda; terceiro, o meio ambiente, pela redução da super exploração do solo agrícola; quarto, melhora da distribuição de renda dentro do grupo familiar; quinto, maior segurança aos efeitos da oscilação do preço dos produtos no mercado, uma vez que a diversificação pode reduzir seus efeitos imediatos caso existisse a dependente de apenas uma opção de renda (PERONDI, 2008).

Segundo o presidente da AFUBRA, Benício Werner existe no Brasil, há muito tempo, tratativas relacionadas à diversificação, mas poucos são os casos de sucesso com novas atividades. A criação de gado de corte, aves, leite e hortigranjeiros estão entre as principais alternativas, mas nenhuma com rentabilidade superior ao tabaco.

Conforme Hilsinger (2016), o argumento econômico é constantemente comprovado na produção do tabaco, pois todas as tentativas de substituição por outras culturas ou atividades econômicas já testadas e incentivadas pelo governo, introduzidas pelos agricultores em parcialidade de suas propriedades, comprovam que nenhuma teve resultados comparáveis. A rentabilidade obtida com o tabaco, na maioria dos casos, é imbatível, considerando a topografia, a estrutura fundiária, o perfil socioeconômico dos agricultores e do mercado na região de São Lourenço do Sul (HILSINGER, 2016).

A modernização agrícola pode vir a contribuir para diversificar a propriedade, pois traz novas variedades de plantas e raças de animais capazes de rentabilizá-los. É um desafio aumentar os ganhos e ter alternativas de renda em pouca área de terra. Novos sistemas de

cultivo e criações poderiam trazer resultados financeiros para propriedade, podendo o agricultor usufruir de tecnologias para produção, visando bons resultados (SANTOS, 2013).

Entre os anos de 2006 e 2010 foi desenvolvido o Programa de Diversificação da Produção e Renda em Áreas Cultivadas com Tabaco pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). A criação deste Programa visou preparar as famílias fumicultoras para enfrentarem a tendência da redução do consumo do tabaco, garantindo a possibilidade de diversificação de cultivos como uma alternativa de geração de renda, conforme Bonato et. al. (2010).

Com a confirmação da CQCT, foi anunciado a criação do Programa de Diversificação da Produção e Renda em Áreas Cultivadas com Tabaco, fruto de forte mobilização de setores governamentais e importantes entidades representativas da sociedade civil e da agricultura familiar e pelo comprometimento assumido pelo governo federal em garantir apoio aos agricultores familiares. Em um cenário onde a tendência é a redução do consumo de tabaco no mundo, o que afeta diretamente o setor produtivo, o Programa objetiva garantir a possibilidade de diversificação de cultivos e de alternativas geradoras de renda para famílias produtoras de tabaco, (PERONDI, 2008).

Em linhas gerais, o Programa de apoio à diversificação propõe quatro eixos estratégicos, que contemplam o financiamento, a pesquisa, a assistência técnica e o apoio ao fortalecimento de mercado dos produtos alternativos ao fumo. O objetivo é apoiar os agricultores das regiões tradicionais de produção de fumo que estejam dispostos a diversificar suas atividades, implantando novas atividades agropecuárias, (BONATO et. al. 2010, p. 86).

Os quatro eixos do Programa de Apoio à Diversificação estão relacionados ao financiamento, acesso a tecnologia, à agregação de valor à produção local e ao apoio a comercialização (BONATO et. al. 2010, p. 86).

O Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), criado em 1995, se propôs a fortalecer a agricultura familiar mediante apoio financeiro para custear atividades agrícolas, além de apoiar a infraestrutura social e econômica dos territórios rurais fortemente caracterizados pela agricultura familiar. Embora seja um programa amplo, seus maiores avanços estiveram concentrados na área de crédito (PERONDI, 2008). Até a safra 2001/02, os produtores de tabaco podiam acessar o PRONAF para financiar o custeio da lavoura. Foi crescente o questionamento em relação a essa política, pois o financiamento era a própria empresa fumageira. Os produtores apenas assinavam a documentação necessária, mas os recursos não passavam por eles, saíam do Banco diretamente para as empresas. Para quitar o financiamento, a empresa descontava do produtor na ocasião da entrega do tabaco (PERONDI, 2008).

Desde 2003 os produtores podem utilizar a linha de financiamento do PRONAF Custeio, desde que os recursos sejam destinados para implantação de outras culturas (milho, feijão, leite, etc.). Em 2005, passou a se garantir aos agricultores familiares produtores de fumo, em regime de parceria e interação com a indústria fumageira, financiamento nas linhas de investimento do PRONAF. Nesta medida se exige dos agricultores que a comprovação de no mínimo 20% da renda seja proveniente de outras atividades que não o tabaco (PERONDI, 2008).

O Programa De Aquisição de Alimentos (PAA), criado em 2003, é um programa de política pública desenvolvido para incentivar a agricultura familiar a produzir alimentos, promover a inclusão social no campo e garantir alimento à populações em situação de insegurança alimentar, por meio da compra de produtos produzidos pelos agricultores familiares. Este Programa através da linha “compra direta com doação simultânea” demonstra que políticas públicas podem contribuir para diversificar os produtos comercializados pela agricultura familiar, especialmente os produtos provenientes de propriedades fumicultoras em processo de reconversão ¹(PERONDI, 2008).

O Projeto de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) em Rede para consolidação do processo de diversificação produtiva e sustentável em áreas cultivadas com tabaco em municípios do território Zona Sul do Estado/RS, foi construído de forma inovadora, através de uma rede de organizações sociais, onde entidades parceiras e o Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA) ²estabeleceram uma relação para atender melhor as famílias através de uma assistência técnica de qualidade (SURITA et. al., s.d.), garantindo possibilidades de comercialização no final da cadeia produtiva. Esta Rede oferece os meios para promover a diversificação produtiva e sustentável, a gestão social das propriedades familiares, o apoio à organização social e a comercialização dos produtos, bem como acesso ao crédito e às políticas disponíveis para a agricultura familiar, conforme Surita et. al., (s.d.).

Em 2003 foi criada a Política Nacional de Assistência Técnica e Extensão Rural-PNATER, com pretensão de contribuir para uma ação institucional capaz de implantar e desenvolver estratégias para o desenvolvimento rural sustentável, estimulando a geração de

¹ Reconversão: normalmente este termo é utilizado para o processo de mudança do sistema agrícola convencional para outro sistema de produção, orgânica, por exemplo, envolvendo vários aspectos sejam eles culturais, técnicos, educacionais, normativos ou mesmo de mercado.

² CAPA (Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia) é uma organização da sociedade civil, com atuação nos três Estados do Sul do Brasil. A proposta do CAPA se fundamenta na disseminação de práticas econômicas e produtoras ecologicamente sustentáveis, entre famílias rurais, oferecendo alternativas para a permanência no campo.

renda e qualidade de vida das famílias agricultoras com a implementação de propostas de diversificação nas áreas produtoras de tabaco (PERONDI, 2008).

O Seguro da Agricultura Familiar, criado em 2004, é um programa exclusivo para os agricultores familiares que realizam financiamentos de custeio. Para os produtores de tabaco que estejam diversificando sua renda através de outras culturas, com financiamentos do PRONAF, o Seguro pode proporcionar mais segurança para o caso de frustração de safra (PERONDI, 2008).

O Seguro de Preços da Agricultura Familiar, criado em 2006, trata-se de um programa vantajoso aos agricultores, contribuindo para evitar o endividamento decorrente da queda de preços dos produtos agrícolas e facilitando a realização de novos investimentos na atividade agrícola (PERONDI, 2008).

O Programa do Biodiesel, visa garantir e potencializar a participação da agricultura familiar. O governo criou o Selo Combustível Social para empresas que adquirem matéria prima da agricultura familiar, possibilitando aos agricultores garantia de preço, de entrega da produção e de assistência técnica (PERONDI, 2008).

Atividades não agrícolas e o Programa Turismo Rural, podem contribuir para a diversificação nas áreas cultivadas com tabaco. As transformações no modo de organização das populações rurais indicam que o turismo possui potencial para diversificar a renda (PERONDI, 2008).

Outra importante política que possa vir a potencializar a implementação de ações com sustentabilidade ambiental e potencial de geração de renda, é o Programa Nacional de Apoio à Agricultura de Base Ecológica, que prevê recursos para apoio à produção, industrialização e comercialização de alimentos de base ecológica (PERONDI, 2008).

Estes Programas do Governo, representados sinteticamente acima, são exemplos de opções que possibilitam ao fumicultor uma gradativa diversificação e/ou substituição da cultura do tabaco. Há alternativas para iniciar um processo de ruptura com a produção fumageira. Entretanto, destaca-se que pouco se vê destes Programas em regiões onde a produção de tabaco predomina. O agricultor que se interessa por estas alternativas precisa ir busca-las por conta própria, uma vez que o acesso a informações concretas sobre estes Programas não são disponibilizadas e nem de acesso fácil. A assistência técnica que recebem e que deveriam disponibilizar estas informações, está a cargo das próprias empresas fumageiras, ou seja, não o faz por interesse. As empresas fumageiras enviam seus técnicos agrícolas para buscar estes agricultores, incentivando-os a produzirem cada vez mais, com o argumento que o tabaco é o cultivo que traz o maior retorno para propriedade, tem assistência,

tem mercado, tem preço, tem um sindicato que defende os interesses das fumageiras e dos agricultores e isto não ocorre com os cultivos ditos “alternativos”. Não se observa técnicos especializados, por exemplo, em agroecologia, procurando estes agricultores para que iniciem em uma atividade nova, rentável. Muito pelo contrário, os que iniciam no cultivo agroecológico se mostram desassistidos e acabam desistindo em razão das condições impostas para ocorrência da venda, como é o caso das vendas para o “PAA”. Sobre esse último aspecto, valem duas ponderações: Por primeiro, os serviços de Assistência Técnica e Extensão Rural pública não estão atendendo os fumicultores, talvez pela compreensão de que esses já estão sendo atendidos pela assistência técnica privada das empresas fumageiras. Por segundo, os agricultores, estão em uma situação de *inércia* frente à produção fumageira, não havendo interesse em romper com a produção de tabaco e seguir em outros sistemas produtivos.

Segundo Hilsinger (2016), algumas empresas buscando um mercado mais específico, vêm incentivando o cultivo do “tabaco orgânico”, ainda com uma produção bastante restrita, mas em expansão. Este princípio de produção voltado à produção ecológica, mesmo que possua uma remuneração atraente, sofre resistência dos agricultores familiares, pois exige muita dedicação, tornando-se ainda mais trabalhoso. O cultivo de tabaco orgânico é pouco atrativo para o agricultor, pois, praticamente dobra a quantidade de serviço, todo o trato com este cultivo é realizado manualmente, submetendo o agricultor a uma capina toda manual, o desponete acaba por ser realizado por várias vezes na mesma área, pois não se pode utilizar o agrotóxico próprio utilizado no cultivo convencional, que se torna mais prático para o agricultor. Sabe-se que é baixa a adesão a este cultivo pelos agricultores, fumicultores da região, e por ser um cultivo que eles conhecem, acredita-se que este não seria o mais favorável para iniciar a diversificação nas propriedades.

As próprias entidades da classe fumageira defendem e incentivam a diversificação produtiva familiar, por exemplo, trabalhos desenvolvidos pelos departamentos agrícola, florestal e bioenergia da AFUBRA, projetos incentivados pelo Sinditabaco (milho e feijão) e incentivados pela FETRAF em relação à industrialização. Como pesquisadora acredito, que as fumageiras incentivam esta diversificação para acompanhar as regras, as restrições impostas pelo governo através da CQCT, mas no fundo eles sabem que o produtor de tabaco não fará esta troca, pois está bem produzindo tabaco, está conseguindo manter sua propriedade, não vão iniciar com algum cultivo novo que não terão garantia de retorno. O reflorestamento incentivado pelas fumageiras já deveria ter iniciado há 50 anos e não agora quando vários hectares de mata nativa já foram desmatados.

Para Santos (2013), as principais dificuldades para diversificação na produção de tabaco, ou até mesmo para substituir a produção, são as exigências impostas por clientes que irão comprar os produtos alternativos ao tabaco, que afetam diretamente o agricultor familiar. Pois estes tem de se adequar a padrões impostos pelo mercado, além de atender normas sanitárias. Mudanças nas propriedades envolvem investimentos que nem todos os agricultores estão dispostos a fazer, assim optam em continuar produzindo tabaco que gera renda a família, pois tem mercado para absorver toda a produção da propriedade.

O reconhecimento como produtor de tabaco, o ‘saber-fazer’ desenvolvido pelos produtores após gerações, a estrutura produtiva existente na unidade de produção, bem como a falta de incentivos públicos efetivos, pode explicar o baixo êxito da política de diversificação das áreas do Tabaco no Brasil e, principalmente a renda, embora muitas vezes aparente, gerado pelo cultivo, (TROIAN e BECKER. 2017. Pag. 413.).

Para Surita (s.d.), municípios que dispõe de uma forte organização social aliada ao cooperativismo e ao associativismo, as famílias produtoras de tabaco tem a possibilidade de diversificar sua produção e renda, especialmente através de alternativas de comercialização, como é o caso dos mercados institucionais.

4. ANÁLISE DOS RESULTADOS E DISCUSSÕES

Neste capítulo serão discutidos e analisados os dados obtidos durante a pesquisa a campo na zona rural do município de São Lourenço do Sul-RS. Foram caracterizadas as propriedades rurais escolhidas para o estudo e observados os interesses destes agricultores de substituir (ou não) a produção de tabaco em suas propriedades.

4.1 Caracterização dos Estabelecimentos Rurais do Estudo

Segue abaixo o quadro caracterizando os estabelecimentos rurais deste estudo na zona rural do município de São Lourenço do Sul-RS.

Quadro 5: Caracterização dos Estabelecimentos Rurais Analisados.

Agricultores	Tipo de Cultivo/Criações	Mão-de-obra Disponível	Produtos Comercializados	Área da Propriedade (ha)
Agricultor 1	Fumo/Milho/Soja/Suíños/ Bovinos/Aves/ Açude com Peixes/Frutas	Familiar e Diaristas	Fumo/Milho/Soja	57 hectares
Agricultor 2	Fumo/Soja/Milho/Hortaliças/ Frutas/Aves/Bovinos	Familiar	Fumo/milho/Soja	45 hectares

Agricultor 3	Fumo/Milho/ Batata/Feijão/Hortaliças/ Frutas/Açude com Peixe	Familiar e Diaristas	Fumo/milho	13 hectares
Agricultor 4	Fumo/Uva/Morango/Hortaliças	Familiar	Fumo/Morango	14 hectares
Agricultor 5	Fumo/Milho/Batata/ Batata Doce/Aves/ Frutas/Suínos/Bovinos/Equinos/ Açude com Peixes	Familiar e Diaristas	Fumo	20 hectares

Fonte: pesquisa de campo, 2017.

Para a realização da pesquisa a campo, foram entrevistados cinco agricultores que doravante serão chamados de entrevistado um (como agricultor 1), entrevistado dois (como agricultor 2), entrevistado três (como agricultor 3), entrevistado quatro (como agricultor 4) e entrevistado cinco (como agricultor 5). Como podemos ver no quadro acima, dois destes agricultores possuem uma extensão de terra relativamente grande em relação aos demais, um dos agricultores utiliza área de seu pai para o plantio os outros quatro possuem área própria. Estes agricultores utilizam pouca quantidade de terra para o cultivo de tabaco, de dois á seis hectares, sendo que em cada hectare conseguem cultivar cerca de dezesseis mil pés de fumo. Um dos entrevistados relata que cultiva tabaco a vida inteira (“já nasci plantando fumo”, relata o agricultor 3) os demais variam de sete a vinte anos cultivando tabaco, e todos são unânimes em relatar que iniciaram o cultivo pelo retorno de renda (“é o único cultivo que gera renda para pequena propriedade” argumenta o agricultor 1).

Os agricultores entrevistados, produzem a variedade de tabaco “Virgínia”, pois essa variedade produz fumos claros , mais atrativos para o mercado. Os agricultores entrevistados citaram durante as entrevistas, quatro empresas fumageiras, dentre elas as mais conhecidas e atuantes na região, a “Universal Leaf Tabacos” e a “Souza Cruz”, todas situadas na região dos municípios de Santa Cruz do Sul e Venâncio Aires. O entrevistado dois e o entrevistado quatro, relataram possuir contrato com mais de uma fumageira. Desta maneira possuem mais possibilidade de negociar preços com as mesmas e colocar no mercado mais variedades de tabaco, considerando que cada empresa dá preferência para uma variedade de tabaco especifica “fumos mais claros, escuros, com ferrugem”. A definição da variedade é estabelecida após a secagem nas estufas e também por meio do processo de conservação do fumo na lavoura.

O tabaco considerado, pelos agricultores, como muito ‘maduro’ na lavoura produzirá um tabaco preto após a secagem, o que está no ponto de colheita, normalmente ficará amarelo e o tabaco que durante a estada na lavoura passa por épocas de muita chuva ficará com

‘ferrugem’ nas folhas ‘pintas’, e assim as variedades vão se especificando ‘BO1, BR3, CO2’³. A implicação disso é a classificação na indústria que valoriza o produto cultivado, de acordo com as regras que estas mesmas estabelecem. Tabaco colhido no ponto de maturação certo, submetido à cura e armazenamento conforme as regras estabelecidas, normalmente geram um produto de qualidade, valorizado pela indústria, uma vez que possui mais mercado para exportação, logo, maior valor agregado pago aos fumicultores.

Entretanto vale destacar que os entrevistados três, quatro e cinco, reclamaram de uma empresa fumageira específica, informando que esta não classificou o tabaco corretamente (“houve rebaixamento de classe”, explica o entrevistado 3). Ou seja, por mais que os produtores se esforcem para apresentar uma boa qualidade do tabaco, a palavra final acaba sendo da empresa fumageira, que detém o poder da classificação.

Todos os agricultores entrevistados mencionaram que conseguem cobrir os custos de produção com a renda do tabaco, mas nenhum deles realizou cálculos para saber o real faturamento. Durante a safra 2016/17 o entrevistado três teve problemas com granizo “não tínhamos nem tirado o baixeiro, só ficaram os talinhos no pé”, e com este ocorrido a remuneração não cobriu os custos de produção. Os custos foram cobertos pelo “seguro”, caso contrário a situação teria sido pior. Mas menciona que em outros anos a remuneração cobre os custos de produção, os gastos com saúde e com mão de obra, e o ganho anual chega a 30% de lucro.

Durante as entrevistas não foi percebida a tendência de aumentar a área destinada à produção de tabaco. Segundo eles o comprometimento com a produção é grande, exigindo intensa jornada de trabalho da mão-de-obra familiar. Sobre a mão-de-obra utilizada, os entrevistados um e dois, mencionam que utilizam somente a mão-de-obra familiar, os demais utilizam também diaristas, principalmente em época de colheita. Todos relatam que se dedicam o ano inteiro para a produção de tabaco “precisamos de 13 meses para terminar todo serviço” *brinca* um deles. Menciona que precisam *encontrar* tempo para o lazer e o descanso, caso contrário viram ‘escravos’.

Com a área que os agricultores têm sobrando, todos realizam cultivos alternativos seja para consumo próprio ou até mesmo para venda como é o caso dos entrevistados um, dois e três, que comercializam milho e soja para uma cooperativa muito conhecida na região. Durante as entrevistas eles relataram que a venda do milho nem cobriu os gastos de produção na safra 2016/17.

³ BO1, BR3 e CO2 são denominações utilizadas pela indústria fumageira para dar nome a “classe” ou seja a qualidade do tabaco comercializado pelos produtores.

O entrevistado quatro produz além do tabaco, morango para comercialização de *porta em porta*, e ainda está iniciando na propriedade, com auxílio do CAPA e da EMATER, o plantio de uva para processamento de suco. Segundo ele a ideia destas entidades juntamente com a Prefeitura Municipal é de construir uma agroindústria para o processamento desta fruta, para ser utilizada na merenda escolar do município. Observou-se que este entrevistado é um dos mais interessados em substituir o tabaco pela produção e processamento de alimentos, mas não consegue fazer esta substituição pela dependência da renda do tabaco. Nesse sentido, existe tanto a iniciativa do poder público em promover uma mudança no sistema produtivo local, como também o início da disponibilidade dos agricultores para a construção de novos arranjos produtivos. Mesmo que seja apenas um agricultor do total dos entrevistados, a perspectiva de mudança do cultivo do tabaco para a agro industrialização alimentar, pode ser uma experiência propulsora à adesão dos demais agricultores, colaborando para criar interstícios de ação social em meio à massiva produção de tabaco.

Em relação aos insumos químicos utilizados com o cultivo do tabaco, apenas o entrevistado dois adquiriu os defensivos fora das fumageiras, o que de acordo com ele, vem a ser uma vantagem, pois os demais reclamam que quando adquirem os insumos junto às fumageiras, estas cobram valores muito altos, apesar da vantagem de efetuar o pagamento somente durante a comercialização, os juros cobrados são altos. A utilização destes insumos é realizada conforme as fumageiras estabelecem e, de acordo com os entrevistados, não houve aumento na utilização de agrotóxicos com o passar dos anos. O entrevistado três diz que os agrotóxicos utilizados há anos atrás eram mais fortes que os utilizados hoje. Segundo ele os venenos de faixa vermelha não podem mais ser utilizados, “a firma de fumo manda técnicos para colher amostras, se forem detectados indícios destes venenos a fumageira não compra a produção, mas se a fumageira não quer a gente vende pros picaretas”.

Os entrevistados admitem que usam Equipamentos de Proteção Individual (EPI) de forma eventual, “pois depende da pressa” relata um deles. Normalmente utilizam somente botas e luvas para a aplicação de agrotóxicos. Durante a colheita, principalmente em dias muito quentes, segundo os entrevistados se torna inviável, (“a pessoa passa mal usando aquilo”, segundo o entrevistado 2), dão preferência para utilização de vestimentas próprias, calças e blusas de mangas compridas. Questionados sobre possíveis doenças oriundas do cultivo de tabaco, todos dizem que não têm problemas com isso. De acordo com o relato de um dos entrevistados “a mulher às vezes passa mal quando colhe fumo molhado, mas nada grave, a gente evita de colher assim”. Segundo as fumageiras e os médicos a utilização do EPI é de fundamental importância para que o produtor possa se prevenir de doenças oriundas da

aplicação de agrotóxicos e do ‘mal da folha verde’, males estes que levam o agricultor, por vezes, a produzir produtos alternativos, os orgânicos, que não utilizam agrotóxicos.

Todos os entrevistados têm acesso a financiamentos como o PRONAF, por exemplo. Um deles, inclusive, menciona que tem acesso, mas preferia não ter a necessidade de utilizar, pois se torna uma dívida a mais para o produtor.

Todos recebem assistência técnica das empresas fumageiras, principalmente em épocas de realizar novos pedidos de safra, “eles sempre querem que a gente plante mais, o que aparece de fumageira diferente no pátio querendo que a gente plante uns pés pra eles” segundo menciona o entrevistado três. Os entrevistados que comercializam milho e soja recebem assistência da cooperativa para qual realizam a venda, mas só mediante solicitação para que os mesmos compareçam nas propriedades. O entrevistado que comercializa morango e está iniciando no ramo da produção de uva recebe continuamente orientação de técnicos da EMATER e do CAPA.

No atual momento, os entrevistados não cogitam a ideia de terem que parar de produzir fumo, pois segundo eles não conseguiriam sobreviver com a renda oriunda dos cultivos alternativos. Sobre esta questão relata o entrevistado dois: “ a gente já planta outros produtos na propriedade pra ver se da pra sair do fumo, mas até agora não deu, eles não valem nada, muitas vezes o que a gente tira de lucro na safra não paga o que a gente gasta pra plantar”. Para eles o cultivo orgânico seria sim uma solução que poderia vir a substituir o tabaco, mas seria algo que mudaria por completo a maneira de produzir na propriedade, já que conseguem realizar boa parte do trabalho com o tabaco utilizando maquinários e agrotóxicos. Os agricultores dizem estar acostumados com o sistema produtivo do tabaco e ponderam que o cultivo agroecológico mudaria por completo a maneira e produzir por ser um trato cultural quase todo manual, necessitariam se readequar. O entrevistado um argumenta que “tem mercado para os orgânicos, mas não para todos os agricultores”, estes necessitariam de novos investimentos na propriedade, algo não viável para todo mundo. Ou seja, não converter o sistema produtivo é garantir a situação de geração de renda, emprego e comodidade no *saber-fazer* na produção de tabaco.

Todos os entrevistados tem filhos em idade escolar e mencionam que vão incentivar os filhos para que estudem primeiramente. O entrevistado um relata que hoje em dia acha difícil os filhos continuarem na propriedade, pois segundo ele até os 18 anos não podem trabalhar na lavoura, depois disso acabam não se interessando e não aprendendo o ofício. O entrevistado dois menciona que irá incentivar os filhos a estudarem e gostaria que continuassem na propriedade, mas não produzindo tabaco. O entrevistado quatro diz que vai

incentivar a filha a estudar, mas que ela possa se formar em algo que traga melhorias para a propriedade de preferência que ela não continue produzindo tabaco.

4.2 Caracterização das Entidades ⁴ que Trabalham com os Agricultores na Região de Estudo.

4.2.1 Entrevista com a Entidade Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço do Sul

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço do Sul desenvolve uma grande variedade de atendimento aos agricultores da região, em especial, aos agricultores familiares que são associados da entidade. Atua principalmente na área de Imposto Territorial Rural (ITR), em conjunto com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Disponibiliza consultas médicas, jurídicas e desconto em exames. Trabalha também na área de custeio e investimento pelo Banco do Brasil em convênio com o Sindicato o chamado Correspondente Bancário Banco do Brasil (COBAN), permitindo que o agricultor possa realizar financiamentos no Sindicato, principalmente no caso do PRONAF. Segundo o entrevistado o Sindicato participa de Conselhos a nível Municipal e Estadual sempre defendendo os interesses dos agricultores sendo esta sua função.

O entrevistado que representa o Sindicato entende que o cultivo de tabaco hoje é a principal atividade desenvolvida pela pequena propriedade. O Sindicato ainda intervém ⁵quando as fumageiras não classificam corretamente o produto e quando o produtor não sabe o preço correto do produto. Neste sentido, o agricultor classifica o produto à sua maneira, envia a fumageira que classifica da maneira que os convém, uma vez que existem muitas classes que denominam o produto final do tabaco permitindo que haja divergências entre agricultores e fumageiras. O Sindicato normalmente mobiliza os agricultores, quando estes são mal remunerados ou prejudicados, para que estes permaneçam com seu produto nos “galpões”, até que se entre em acordo com as empresas fumageiras ou entidades ligadas a elas sobre o preço ou a classificação correta do produto, além de realizar manifestações

⁴ Realizou-se uma entrevista com a EMATER, porém eles não atuam diretamente com os fumicultores, e portanto não tiveram elementos que contribuíssem no trabalho, assim optou-se em excluir essa entrevista.

⁵ O Sindicato tem feito o máximo possível para atender as reivindicações dos agricultores, mas também não consegue resolver todas as questões. O entrevistado mencionou o caso de uma fumageira que deixou de pagar uma parte do que devia para seus agricultores, o Sindicato interferiu conseguindo que o pagamento fosse feito em quatro parcelas, mas mesmo assim uma parte ficou para trás, ainda com interferência do Sindicato os pagamentos deverão ser quitados no ano de 2018. O entrevistado menciona ainda sobre este assunto que existiam empresas fumageiras menores que nem irão mais pagar os agricultores pelo fato de não existirem mais, o Sindicato entrou na Justiça, houve ganho de causa, mas como a empresa não existe mais, não tem como efetuar os pagamentos.

juntamente com agricultores e a mídia, para que o problema seja exposto e conseqüentemente resolvido.

Segundo o relato do representante do Sindicato, atualmente dois funcionários atuam diretamente com a área do tabaco, fazendo levantamento de custos desde o canteiro até o final da safra. Muito se fala que o custo da produção de tabaco é alto, mas se sabe que o custo das outras produções também é alto, e como exemplo cita o caso do milho que este ano não cobriu os custos de produção, a colheita foi boa, mas faltou comercialização e local onde os agricultores pudessem armazenar o produto. Argumenta que em outras regiões do país a produção é maior ainda e que os agricultores estão “jogando o produto fora”, o mesmo produto que é comprado aqui a preços menores, desvalorizando o produto local.

Conforme menciona o entrevistado, o Sindicato se mostra favorável à diversificação em áreas produtoras de tabaco, mas para isso ocorrer precisam surgir alternativas financeiramente viáveis. Cita como exemplo a compra de produtos da agricultura familiar tanto para a merenda escolar quanto para o Programa Fome Zero. Segundo o entrevistado quando envolve a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB) existe uma burocracia muito grande. Citou que este ano seriam atendidos três municípios com o programa de compra de produtos da agricultura familiar e o município de São Lourenço ficou em quarto, seria uma ótima chance de comercialização que o município perdeu por causa da burocracia. Menciona que o Sindicato já está atrás de novos meios de comercialização e para isto já está criando um Conselho para que esta oportunidade não seja perdida novamente. Diz que seria inviável que todos os agricultores produzissem para o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), não teria mercado. Citou o caso do plantio de feijão que quase não se planta mais na zona rural pelos agricultores, pelo motivo do trato ser quase todo manual, apesar da procura deste produto continuar grande. O entrevistado citou que o Sindicato incentiva a prática da piscicultura, inclusive, alguns agricultores já possuem tanques com peixes, mas esbarram nos problemas de comercialização, uma vez que os compradores querem o peixe já limpo e os produtores não tem como fazer pela grande quantidade de peixe, pela falta de mão de obra, pela procura específica de uma variedade de peixe que é de difícil criação.

Já existem várias propriedades na zona rural do município que realizaram a conversão do cultivo de tabaco para cultivar agroecológicos. Mas claro, não sobrevivem somente desta renda. Muitos recebem benefícios financeiros do governo, uma espécie de ‘aposentadoria’, ou um dos membros da família possui outro emprego onde recebe salário fixo. Os problemas

enfrentados na política e a atual crise financeira pela qual passa nosso País, dificultam o normal funcionamento de Programas como o PAA. Neste sentido seria realmente oportuno que o Sindicato tivesse conseguido esta nova chance de comercialização citada pelo representante entrevistado, pois atenderiam melhor os que já produzem e vendem para o PAA e estimulariam outros agricultores a iniciar cultivos ecologicamente corretos.

O representante do Sindicato se mostrou muito preocupado se houver a efetiva possibilidade da proibição do cultivo de tabaco, pois até o momento não se tem uma alternativa viável para as pequenas propriedades, contando ainda que existem as áreas de preservação em que o agricultor não pode mexer, o agricultor vai ter que parar de produzir.

Por fim menciona que o Sindicato continuará acompanhando o mercado da fumicultura para ver até quando será viável para o pequeno agricultor produzir. Seria realmente necessário que os fumicultores já começassem a implantar outros cultivos alternativos na propriedade, mas por enquanto o mercado externo ainda se mostra bastante favorável para a fumicultura.

Através da entrevista realizada com o representante do Sindicato dos Produtores Rurais de São Lourenço do Sul, foi possível perceber que esta entidade tem uma atuação bem relevante junto aos pequenos agricultores do município, pois atua em praticamente todas as áreas que os produtores necessitam de auxílio (carta de aptidão, INSS, pagamento de imposto rural). Vejo que esta entidade defende os interesses do pequeno agricultor e também do fumicultor, procurando soluções para suas reivindicações. O Sindicato já trabalha também para achar alternativas para ao tabaco, mas como o próprio entrevistado cita é muito difícil. A atuação de um sindicato é de fundamental importância para que os próprios agricultores tenham seus direitos respeitados.

5. CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo analisar o cultivo de tabaco na zona rural do município de São Lourenço do Sul/RS. Junto à pesquisa de campo e pesquisas de bases teóricas buscou-se encontrar as motivações que levam os agricultores a continuarem produzindo tabaco. Durante a pesquisa de campo se procurou conhecer o perfil de cinco agricultores, bem como saber destes as perspectivas futuras com este cultivo.

As propriedades dos entrevistados são diversificadas, mas o retorno financeiro que alguns cultivos trazem não supera o tabaco, fazendo com que estes agricultores não pensem em abandonar o cultivo, pois este possui um mercado certo, tabela de preço pré-estipulada e insumos financiados pelas empresas fumageiras, o que traz certa comodidade para os produtores. Através da renda oriunda do cultivo de tabaco os produtores conseguem comprar novas áreas aptas para o cultivo, construir ou reformar a moradia enfim conseguem adquirir bens que no atual momento não conseguiriam se produzissem outros produtos. Portanto estes agricultores produzem tabaco pela dependência financeira, não estão preocupados se no futuro terão problemas de saúde pela exposição direta aos agrotóxicos que hoje passam ou se no futuro precisarão produzir outros produtos. Enquanto a renda do tabaco conseguir manter os agricultores e suas famílias, estes não terão intensão ou necessidade de cultivar outro produto.

Para a produção de tabaco, o agricultor necessita de pouca área, cerca de dezesseis mil pés de tabaco são cultivados em um hectare de terra. Os agricultores entrevistados possuem áreas agricultáveis que variam de treze a cinquenta e sete hectares e produzem de trinta a cento e vinte mil pés de tabaco nas propriedades, na área restante cultivam milho e soja, comercializados para uma cooperativa. Argumentam que não conseguiriam sobreviver com renda destes produtos, pois seus mercados tem preços que oscilam muito ano a ano. A renda obtida com o milho produzido e comercializado durante este ano, 2017, não cobriu os custos de produção, o prejuízo ficou para os agricultores, alguns tiveram que utilizar a renda obtida com o tabaco para quitar dividas obtidas com o milho.

Através dos resultados obtidos, principalmente com os agricultores, pode-se perceber que as propriedades são diversificadas, criam e produzem em especial alimentos para o consumo da família ou animais das propriedades, mas se tivessem que sobreviver com a renda destes produtos não conseguiriam, pois segundo eles mesmos são produtos que não são de boa comercialização na região. Quando certos produtos como feijão, batata, batata doce estão em falta no mercado, possuindo preços atrativos ao agricultor, fazendo com que eles cogitem em produzir para comercialização, sabendo como funciona o mercado, quando estivessem com o produto pronto para comercialização estes produtos não valeriam financeiramente nada, por excesso de produto no mercado, acarretando ao produtor prejuízo. Por este motivo os agricultores, hoje produtores de tabaco, não se arriscam nas alternativas, pois estariam investindo em algo incerto para manter a propriedade, algo que hoje é assegurado a estes produtores produzindo tabaco.

O Sindicato dos Trabalhadores Rurais situado no município, através de um representante entrevistado, menciona que incentiva os fumicultores a já iniciarem alternativas nas propriedades que possam vir a substituir o tabaco em um momento futuro quando, e se, as regras da CQCT se tornem mais rígidas sobre a produção de tabaco. Mas como este mesmo relata é algo muito difícil, pois normalmente a busca de alternativas esbarra em burocracias e nem todos os agricultores têm condições financeiras de investir em mudanças nas propriedades para inserir novos cultivos, cumprindo normas sanitárias e superando empecilhos impostos.

Algumas alternativas já existentes em propriedades rurais no município e mencionadas pelo representante do Sindicato, como o caso da criação de peixes e o cultivo de feijão preto. No atual momento, estas atividades não impulsionam a rentabilidade do agricultor na propriedade e não recebem assistência comparada com a da produção fumageira. É esta assistência recebida que os produtores de tabaco apoiam e confiam. Talvez se existisse realmente uma central de distribuição de alimentos e esta oferecesse uma assistência técnica que fosse às propriedades continuamente, orientando os agricultores em relação ao mercado, ao preço, à incidência de pragas e as maneiras corretas de produzir, o município não ficaria prezo a programas do Governo que envolve a CONAB, e que muitas vezes inviabilizam a produção local de alternativas ao tabaco.

Se no futuro ocorresse realmente uma possível proibição do cultivo de tabaco, que vem sendo anunciada, principalmente quando se fala na Convenção Quadro, não seria viável aos agricultores do município a produção de um único produto, mas varias deveriam ser as possibilidades, a já mencionada criação de peixes que poderia impulsionar a instalação de uma agroindústria de beneficiamento no meio rural não somente para este produto, mas como o caso de inúmeras variedades de frutas já existentes nas propriedades podendo servir para o beneficiamento de suco e geleias, a produção de feijão preto, hortaliças, batata doce, a própria batatinha que anos atrás já impulsionou a renda no interior do município, cebola, enfim novas variedades de produtos que poderiam ser implantados nas propriedades com o intuito de gerar renda.

Durante as entrevistas pude perceber sim, certa vontade dos agricultores, não de parar por completo de produzir tabaco, pois este traz a garantia da renda para propriedade, mas de diminuir a produção e começar com as alternativas. E, ao mesmo tempo, sentem receio de

diminuir a produção, pois sabem que existe grande oscilação de preços e falta de mercado para outros produtos, o que de certa forma desanima o agricultor fazendo com que este continue no tabaco. Cabe às entidades ligadas aos agricultores, aparentemente incentivadoras da diversificação, como é o caso do CAPA e da EMATER, através de seus extensionistas, divulgar programas do governo já existentes e mencionados durante este trabalho, incentivando, procurando os agricultores, mostrando para estes como realmente se pode produzir e comercializar produtos alternativos ao tabaco. Hoje os agricultores só possuem garantias produzindo tabaco.

Na maioria das propriedades a cultura do tabaco foi passada de pai para filho, mas pelo o que os agricultores relataram não querem que seus filhos continuem produzindo tabaco, incentivam para que eles estudem e tragam melhorias para propriedade através de conhecimento adquirido.

Apesar de parecer que os produtores possuem certa comodidade produzindo tabaco, as dificuldades são conhecidas por todos, tais como, a longa jornada de trabalho os agricultores nem terminam uma safra e já iniciam outra, problemas de saúde devido à aplicação de agrotóxicos, contato com o tabaco molhado, exposição ao sol e endividamentos são alguns indícios de que este cultivo também possui seus problemas. Os agricultores entrevistados preferiram não tocar em assuntos como os problemas causados à saúde pelo cultivo de tabaco, pois estão acostumados com esta realidade, torna-se algo normal para eles e algo que não necessita ser comentado.

Os produtores de tabaco deveriam estar mais preocupados em manter a saúde, pensar em novas formas de geração de renda para propriedade, pois parecem não perceber que hoje o trabalho árduo com o tabaco futuramente pode causar malefícios a saúde de toda família. Os produtores fazem a aplicação de agrotóxicos praticamente sem proteção alguma, mesmo conhecendo os malefícios que isto pode ocasionar a saúde, malefícios conhecidos pela população em geral principalmente os relacionados ao câncer, uma doença terrível que na maioria das vezes não tem cura.

Cabe lembrar que várias são as campanhas antitabagistas na mídia. A área da saúde pública acusa o tabaco de ser um grande causador de doenças. As regras implantadas pela (CQCT) que visam à diminuição gradativa do cultivo de tabaco, devem deixar os agricultores e entidades ligadas a eles em *estado de alerta*, uma vez que estes produtores precisam de

garantias de que alternativas existem e que suas propriedades serão mantidas da mesma forma que são com o tabaco.

Se a renda oriunda do tabaco não existir mais não serão somente os agricultores ou a zona rural os afetados, mas toda a arrecadação do município, o comércio irá reduzir, e a zona urbana também se afetará. Por este motivo existe a grande necessidade de que se comesse a falar, a incentivar, a cultivar outros produtos que possam vir a substituir o tabaco e que estes tenham a mesma garantia de comercialização que hoje o tabaco possui caso contrário, toda a região poderá viver com dificuldades extremas.

Os agricultores na atual situação não se mostram preocupados em substituir o tabaco, pois as entidades ligadas as fumageiras e políticos se mostram favoráveis ao cultivo, lutam para que o mercado do tabaco continue favorável ao agricultor. Os produtores são incentivados, pelas fumageiras, a produzirem cada vez mais. Os contratos não são mais firmados somente com uma única empresa como ocorria há anos atrás, hoje os fumicultores firmam contratos com até três empresas tendo opção de melhores preços pagos pelo produto. Isto só nos mostra que as fumageiras não estão nem um pouco preocupadas com regras já existentes ou que possam ser futuramente impostas, pois empresas que antes eram consideradas pequenas crescem amplamente com adesão cada vez maior de produtores do município em estudo.

Os agricultores atualmente não possuem garantias concretas de mercado e preço para os produtos alternativos que já estão produzindo, somente o tabaco traz resultados favoráveis para que o produtor possa manter sua família e propriedade, possuindo um mercado que absorve toda produção, na opinião dos entrevistados desta pesquisa. Estes agricultores inseridos no meio rural hoje, produzindo tabaco e possuindo renda certa durante a safra, dificilmente terão interesse de iniciar cultivos alternativos e abandonar por completo o tabaco, pois os chamados *alternativos* hoje podem ter um preço atrativo ao produtor, mas amanhã ou depois estão com o preço *lá em baixo* trazendo prejuízo para a propriedade e, por estes motivos, a diversificação produtiva em áreas produtoras de tabaco não é vista com *bons olhos* pelos produtores e até mesmo pelo comércio da região. O retorno financeiro vem a ser a principal razão da não substituição do tabaco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Andrade, M. M.; **Racionalidade Limitada entre Agricultores Familiares Produtores de Tabaco no Vale do Rio Pardo-RS**. 2014. 180f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2014. (Série PGDR-Dissertação nº 171). Disponível em: [_www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103969/000929962.pdf?sequence=1](http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103969/000929962.pdf?sequence=1). Acesso em: 05 jun. 2017.

Agenda 21-PDDIS São Lourenço do Sul. Agenda 21. **Pano Diretor de Desenvolvimento Integrado Sustentável**. Documentos. Mapas. Modelo Rural. Disponível em: www.geocities.ws/ag21pddis/ Acesso em: 12 set. 2017

Bonato, A. et. al. **Da Produção ao Consumo. Uma Cadeia da Dependência**. DESER (Departamento de Estudos Socioeconômicos Rurais). Curitiba, 2010. Pg. 1-54. Disponível em: [_www.deser.org.br/publicacoes/revistatabaco-ElaboracaoDeser-ACT.pdf](http://www.deser.org.br/publicacoes/revistatabaco-ElaboracaoDeser-ACT.pdf). Acesso em: 05 jun. 2017.

CAVALCANTE, R. B. ; CALIXTO, P.; PINHEIRO, M. M. K. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Revista Informação e Sociedade: estudos, João Pessoa**, v.24, n.1, p.13-18, jan.-abr.2014.

CAPA. **Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia**. Home. História. Disponível em: www.capa.org.br/page/historia/. Acesso em: 21 out. 2017.

Fischborn, H.; **Dinâmica Socioeconômica dos Produtores de Fumo do Município de Caraá, RS**. Trabalho de Conclusão Submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural-PLAGEDER. 2011, pag. 1-53. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/38167/000820186.pdf?sequence=1 Acesso em: 03 out. 2017

Feiden, A.; et. al. **Processo de Conversão de Sistemas de Produção Convencionais para Sistemas de Produção Orgânicos**. Cadernos de Ciências & Tecnologia, Brasília, v.19, n.2, p.179-204, maio/ago.2002. Disponível em: <https://seer.sct.embrapa.br/index.php/cct/article/viewfile/8803/4945>. Acesso em: 16 nov. 2017

Gregolin, A.; **Ações do Ministério do Desenvolvimento Agrário para a Diversificação da Produção e Renda em Áreas Cultivadas com Tabaco no Brasil**. Novembro 2010, pag. 1-36. Disponível em: www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/pageflip-2583697-3759191-lt_Balano_do_Programa_de-2021660.pdf. Acesso em: 02 set. 2017.

Gerhardt, T. E.; Silveira, D. T.; **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. 120p. (Série Educação a Distância).

Home. **Observatório da Política Nacional de Controle do Tabaco**. Fumicultura e Meio Ambiente. Disponível em: www.2inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/status_politica/fumicultura_e_meio_ambiente Acesso em: 19 set. 2017

IBGE 2013. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Cidades@. Rio Grande do Sul. São Lourenço do Sul. Infográficos: histórico.** Disponível em: [_IBGE.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=431880&search=rio-grande-do-sul%7Csao-lourenco-do-sul%7Cinfographics:-history&lang=_ES_](http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/historico.php?codmun=431880&search=rio-grande-do-sul%7Csao-lourenco-do-sul%7Cinfographics:-history&lang=_ES_). Acesso em: 20 jun. 2017.

Jornal Tradição Regional. Rural. **São Lourenço do Sul espera crescimento da produção de tabaco.** 2017. Disponível em: [_www.jornaltradiacao.com.br/site/content/rural/index.php?noticia=20688_](http://www.jornaltradiacao.com.br/site/content/rural/index.php?noticia=20688_). Acesso em: 23 set. 2017.

Limberguer, V., S.; **Efeitos das Políticas Públicas do Governo Brasileiro sobre a Produção de Fumo.** Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Ciências Econômicas. Porto Alegre, 2013. Pag. 1-56. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/97700/000915725.pdf?sequence=1. Acesso em: 25 set. 2017.

OBSERVATÓRIO DA POLÍTICA NACIONAL DE CONTROLE DO TABACO – OPNCT. **Conferencia das Partes.** Home. Disponível em: [_http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/home/convencao_quadro/conferencia_das_partes_](http://www2.inca.gov.br/wps/wcm/connect/observatorio_controle_tabaco/site/home/convencao_quadro/conferencia_das_partes_). Acesso em: 21 mar. 2017.

Perondi, M. A.; et. al. **Metodologia de Avaliação das Políticas de Diversificação em Áreas Cultivadas com Tabaco.** Rio Branco-Acre, 2008. Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/254389375_METODOLOGIA_DE_AVALIACAO_DAS_POLITICAS_DE_DIVERSIFICACAO_EM_AREAS_CULTIVADAS_COM_TABACO. Acesso em: 31 jul. 2017

Revista Globo Rural. **Dia Mundial sem Tabaco Alerta este Ano para Danos Causados pela Produção do Fumo.** Agricultura, 31 maio 2017. Disponível em: revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/noticia/2017/05/dia-mundial-sem-tabaco-alerta-este-ano-para-danos-causados-pela-producao-de-fumo.html Acesso em: 03 jun.2017.

Riquinho, D. L.; Hennington, E. A.; **Diversificação Agrícola em Localidade Rural do Sul do Brasil: reflexões e alternativas de cumprimento da Convenção Quadro para o Controle do Tabaco.** Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, 24(1): 183-207, 2014. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/9862> Acesso em: 02 ago. 2017

Ruviaro, K. S.; **Produção de Fumo Versus Saúde do Agricultor.** By Agência da Hora, 2015. Disponível em: decom.ufsm.br/dahora/2015/08/31/producao-do-fumo-versus-saude-do-agricultor. Acesso em: 19 set. 2017

Santos, D. L. R.; **Processos de Diversificação na Agricultura Familiar no Município de Arvorezinha-RS.** Monografia do Curso de Graduação Tecnológica em Desenvolvimento Rural-PLAGEDER. UFRGS, Porto Alegre, 2013. Pag. 1-45. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/87419/000907858.pdf?sequence=1 Acesso em: 11 out. 2017.

Santiago, A. A. **Exportação Crescente do Tabaco Versus Campanhas Anti Tabagistas**. 2014. UFRGS, Porto Alegre, RS. Disponível em: [_www.lume.ufrgs.br/handle/10183/113090_](http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/113090). Acesso em: 03 jun. 2017

Simonetti, D. et. al.; **Os Processos de Diversificação da Agricultura Familiar: uma revisão literária**. Universidade Tecnológica Federal do Paraná, 2011. Disponível em: revista.utfpr.edu.br/pb/index.php/SysScy/article/download/1272/854. Acesso em: 03 out. 2017.

Schaffer, C. J. O.; **A Diversificação de Atividades Agrícolas na Agricultura Familiar do Município de Sertão Santana, RS, A Partir do Programa Municipal de Incentivo à Viticultura**. Trabalho de Conclusão de Curso Submetido ao Curso de Graduação Tecnológica em Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural. PLAGEDER, 2011. Pag. 1-34. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/38163/000820156.pdf?sequence=1>. Acesso em: 03 out. 2017.

Sindi Tabaco- Home- Sobre o Setor- **Perfis do Produtor e da Indústria**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: sinditabaco.homolog.inf.br/sobre-o-setor/perfis-do-produtor-er-do-produtor-e-da-industria/ Acesso em: 05 set. 2017

Sindi Tabaco- Home- Sobre o Setor- **Exportações**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: [sinditabaco.homolog.inf.br/sobre-o-setor/exportações/](http://sinditabaco.homolog.inf.br/sobre-o-setor/exportacoes/) Acesso em: 05 set. 2017

Sindi Tabaco- Home- **Programas Sócio Ambientais- Responsabilidade Social- Colheita Segura do Tabaco**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: sinditabaco.homolog.inf.br/programas-socio-ambientais/responsabilidade-social/colheita-segura/ Acesso em: 05 set. 2017.

Sindi Tabaco- Home- Sobre o Setor- **Diversificação**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: [sinditabaco.homolog.inf.br/sobre-o-setor/diversificação/](http://sinditabaco.homolog.inf.br/sobre-o-setor/diversificacao/) Acesso em: 05 set. 2017.

Sindi Tabaco- Home- Sobre o Setor- **Origem do Tabaco**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: sinditabaco.homolog.inf.br/sobre-o-setor/origem-do-tabaco/ Acesso em: 05 set. 2017.

Sindi Tabaco- Home- Sobre o Setor- **Sistema Integrado**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: sinditabaco.homolog.inf.br/sobre-o-setor/sistema-integrado/ Acesso em: 05 set. 2017.

Sindi Tabaco- Home- Sobre o Setor- **Tipos de Tabaco**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: sinditabaco.homolog.inf.br/sobre-o-setor/tipos-de-tabaco/ Acesso em: 05 set. 2017.

Sindi Tabaco- Home- **Programas Socio Ambientais- Gestão Ambiental- Redução do Uso de Agrotóxicos**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: [sinditabaco.com.br/programas-socio-ambientais/redução-uso-de-agrotoxicos/](http://sinditabaco.com.br/programas-socio-ambientais/reducao-uso-de-agrotoxicos/) Acesso em: 26 set. 2017.

Sindi Tabaco- Home- Perfil Sócio Econômico. **O Produtor de Tabaco da Região Sul do Brasil**. Pesquisa Conduzida pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por meio do centro de Estudos e Pesquisas em Administração, out. 2016. Disponível em: sinditabaco.com.br/wp-content/uploads/2017/04/Infográficos-Pe.pdf. Acesso em: 03 out. 2017.

Sindi Tabaco- Home- Sobre o Setor- **Infográficos**. Copyright 2017- Sindi Tabaco. Disponível em: sinditabaco.com.br/sobre-o-setor-infograficos/ Acesso em: 26 set. 2017.

Surita, R. et. al. **Diversificação Produtiva e Econômica em Áreas Cultivadas com Tabaco na Zona Sul do Rio Grande do Sul (RS)**, (s.d.), pag. 1-8. Disponível em: www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_img_1684/Pequisa%20do%20capa.pdf Acesso em: 21 out. 2017

Troian, A. et. al. **Contornos e desafios da diversificação produtiva em áreas de cultivo de tabaco entre jovens rurais no território gaúcho**. Redes-Santa Cruz do Sul, v.22, maio-agosto, 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/redes/> Acesso em: 21 out. 2017

Zotti, C. F.; **Meios de Vida Alternativos a Cultura do Tabaco nos Municípios de Capanema e Planalto-PR**. 2010. 129f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Porto Alegre, 2010. Série-Dissertação nº121. Pg. Disponível em: [_https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36381/000817095.pdf?sequence=1_](https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/36381/000817095.pdf?sequence=1_). Acesso em: 23 mar. 2017.

ANEXO A – FOTOS

Figura 6- Estufa Elétrica



Fonte: acervo da autora, 2017.

Figura 7- Fumo Semeado nas Bandejas no Sistema Float.



Fonte: acervo da autora, 2017

Figura 8- Plantação de Uva



Fonte: acervo da autora, 2017.

Figura 9- Estufas de Morangos.



Fonte: acervo da autora, 2017.

Figura 10- Fumo Transplantado para Lavoura.



Fonte: acervo da autora, 2017.

Figura 11- Mudas de Fumo Prontas para o Transplante.



Fonte: acervo da autora, 2017.

ANEXO B- ROTEIRO DE ENTREVISTAS

ROTEIRO DE ENTREVISTA DE PRODUTORES

Questionário n°:

Data:

Nome:

Localidade:

Município:

- 1.Área total (em hectares) da propriedade? Esta propriedade é própria ou arrendada?
- 2.Qual a área utilizada somente para o cultivo de tabaco?
- 3.Há quantos anos produz tabaco?
- 4.Por que começou a produzir tabaco?
- 5.Tipo de tabaco produzido pela família? (Burley-Virgínia)
- 6.Com qual empresa fumageira a família possui contrato? A Empresa fumageira remunera satisfatoriamente a produção? Esta remuneração cobre os custos de produção, incluindo mão de obra e gastos com a saúde? Qual a porcentagem de ganho anual que provém através da produção de tabaco?
- 7.Quantos mil pés de fumo foram plantados na última safra? Esta quantidade tem aumentado no decorrer dos anos?
- 8.Produz outros produtos além do tabaco? Quais e por quê?
- 9.Estes outros cultivos são vendidos para quem?
- 10.Em relação aos insumos químicos. Como estes são adquiridos? A utilização nos cultivos é realizada conforme a empresa estabelece ou utilizados por conhecimento próprio?
- 11.Tens acesso a programas de financiamentos (ex. Pronaf, etc.)?
- 12.O que faz para conservar o solo em sua propriedade?
- 13.Na propriedade, houve aumento na utilização de agrotóxicos desde que começou a produzir o tabaco?
- 14.Contrata mão de obra de terceiros ou somente utiliza a familiar?
- 15.Já percebeu que alguma doença tenha se manifestado em algum membro da família em decorrência do cultivo de tabaco? (ex. doença da folha verde, depressão, problemas de pele..)
- 16.Fazem a utilização de EPI para aplicar os agrotóxicos e durante a colheita? Se não, por quê?
- 17.Quanto tempo dedica a produção de tabaco durante o ano?
- 18.Tens tempo para descanso ou atividades de lazer com a família?

19. Em relação aos cultivos alternativos ao tabaco. Recebe assistência técnica de profissionais da EMATER, Cooperativas, etc.?
20. Se não pudesse mais plantar tabaco, continuaria na propriedade e investiria em outros cultivos?
21. O que você pensa em relação aos filhos continuarem na propriedade, e produzindo tabaco?
22. Sua família já tentou ou tenta sair da produção de tabaco? Cultivos orgânicos seria a solução?
23. Tens mais alguma informação sobre o tema que não foram mencionados anteriormente?

Roteiro de Entrevista com a EMATER

1. A partir de que ano a EMATER começou a atuar no município de São Lourenço do Sul?
2. Como a EMATER percebe a importância do tabaco no município, na região?
3. Fale um pouco sobre o trabalho desenvolvido pela EMATER junto aos fumicultores no município?
4. Durante a realização dos trabalhos de assistência técnica, quais as principais demandas que a entidade percebe dos fumicultores? (Aqui você deve buscar entender quais as dificuldades, conflitos, necessidades que a EMATER consegue captar dos produtores).
5. A EMATER tem desenvolvido ações que possam auxiliar estes fumicultores em uma possível diversificação produtiva? Se sim, quais as principais dificuldades observadas pela entidade?
6. A EMATER poderia estimar um cenário futuro se realmente ocorresse à proibição do cultivo de tabaco?
7. A entidade teria mais alguma informação que possa contribuir na realização deste trabalho?

Roteiro de Entrevista com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço do Sul

1. Fale um pouco sobre o trabalho desenvolvido pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais no município de São Lourenço do Sul.
2. O Sindicato tem conseguido atender as reivindicações dos fumicultores? Quais as principais demandas dos fumicultores?
3. O Sindicato se mostra favorável à diversificação de cultivos em áreas produtoras de tabaco? Quais as ações da entidade em relação a este assunto?
4. O Sindicato poderia estimar um cenário futuro se realmente ocorresse à proibição do cultivo de tabaco?

5.A entidade possui mais informações sobre o cultivo de tabaco no município que possa ser de valia para realização deste trabalho?